

Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti

Mestrado em Educação Pré-Escolar



Relatório de Estágio

O Educador de Infância como agente interativo na promoção do potencial criador da criança

Marta Ferreira Moutinho Araújo de Campos

Orientadora:
Doutora Brigitte Carvalho da Silva

Resumo

O presente relatório representa o culminar de uma investigação cujo foco incide sobre as práticas educativas e o papel do educador no processo de criação artística da criança em contexto de Educação de Infância. Este documento reflete o percurso investigativo realizado em dois contextos de estágio (Jardim de Infância e Creche). Durante o processo de investigação nas duas valências, procurou-se estudar a forma como o adulto organiza o espaço, materiais, o tempo das atividades, o tipo de estratégias e recursos a que recorre para proporcionar experiências artísticas (de apreciação, experimentação e criação) e conhecer assim a sua atitude perante a criação plástica das crianças e como a estimula ou influencia. Ao longo do percurso investigativo, recorreu-se a vários instrumentos e técnicas de recolha e tratamento de dados para compreender quer as práticas observadas neste domínio, quer as percepções das profissionais de educação relativamente ao mesmo, procurando perceber e refletir sobre a prática encontrando confrontação com as perspectivas teóricas da área de Educação Artística, concretamente no âmbito das Artes Visuais.

Palavras Chave: Educação de Infância, Apreciação Artística, Práticas educativas, Educador de Infância, Criação Plástica, Educação Artística, Artes Visuais.

Abstract

This report represents the culmination of an investigation focused on the practices and role of the Early Childhood teacher throughout the process of children's artistic creation in pre-school Education. This document reflects the investigative path held in two educational contexts (kindergarten and day care). Once on stage and during the process of research in both contexts, we focused on how the adult organizes space, materials, and time regarding artistic activities, the type of strategies and resources which are used to provide artistic experiences (of experimentation, appreciation and creation) and thus understand their attitude towards children's plastic creations and how they spur or influence them. Throughout the investigative route, several investigative tools and techniques were used to collect and process data in order to understand the practices observed in this area and the perceptions of education professionals regarding this domain, seeking to understand and reflect on the practices and confronting them to with the theoretical framework that underpins the work done in Artistic Education area more specifically in Visual Arts.

Keywords: Early Childhood Education, Artistic Appreciation, Teachers role, Practices, Plastic Creation, Artistic Education, Visual Arts.

Agradecimentos

É com orgulho que vejo esta etapa concluída, todavia, não poderia deixar de agradecer a algumas pessoas que estiveram presentes nesta etapa que agora termina e dará início a outra que se avizinha. Um especial e sentido obrigada aos meus pais e à minha irmã, por todo o apoio, fé e acompanhamento em todas as etapas da minha vida, pois, mesmo enfrentando muitas adversidades sempre acreditaram em mim. Agradeço à minha família realçando além dos meus pais, duas pessoas muito especiais, as minhas duas avós, pilares e sem dúvida exemplos de vida. Obrigada à Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti, por estes anos de ensinamento, aprendizagens e partilha de conhecimento. Agradeço à Dr^a Brigitte Carvalho de Silva, orientadora de estágio por todo o apoio e preocupação ao longo da realização deste relatório. À professora responsável pela supervisão de estágio e que nos acompanhou durante esse processo, educadoras cooperantes e equipa multidisciplinar o meu agradecimento, pelas novas experiências, conquistas e aprendizagens que levarei para a vida. A todas as crianças com que pude percorrer parte do meu caminho e do seu crescimento e aprendizagem, o meu muito obrigado por estes meses e por comprovarem não só o meu desejo como a minha vontade em crescer como futura profissional. Agradeço também às minhas colegas de estágio, por todo o companheirismo e motivação partilhada nos bons e maus momentos. Por fim um agradecimento ao meu núcleo de amigos mais chegados e que considero a minha segunda família, por estarem sempre presentes e pela amizade de sempre. A todos, o meu agradecimento por terem feito a diferença neste meu percurso académico.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	6
CAPÍTULO I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO	7
1.1 Um olhar sobre a Educação Artística	7
1.2 A apreciação artística para a compreensão	10
1.3 A criação como meio de expressão	15
1.4 O educador como promotor e enriquecedor de experiências de apreciação e criação das crianças	17
CAPÍTULO II – OPÇÕES METODOLÓGICAS.....	22
2. Metodologia de Investigação.....	22
2.1. Contexto da Investigação	23
2.1.1. Caracterização do contexto de Jardim de Infância.....	23
2.1.2. Caracterização do contexto de Creche	25
2.2 Participantes da Investigação	28
2.3 Instrumentos, técnicas de recolha e tratamento de informação.....	29
2.4 Cronograma de Investigação	31
CAPÍTULO III – ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS.....	33
3. Apresentação e análise de dados.....	33
3.1 Análise das Entrevistas – Educadoras de J.I	33
3.2 Análise do Instrumento de Avaliação do Ambiente Educadivo.....	37
3.3 Análise dos Registos de Observação – Interações	39
3.4 Análise dos Questionários – Educadores de Creche	41
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	51
BIBLIOGRAFIA	55
ANEXOS.....	

Índice de Siglas e Abreviaturas

EPE – Educação Pré-escolar

IPSS – Instituição Particular de Solidariedade Social

J.I. – Jardim de Infância

OCEPE – Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar

PES – Prática de Ensino Supervisionada

Índice de Figuras e Tabelas

Tabela 1 - Características socioprofissionais das educadoras de infância do contexto de Educação Pré-Escolar.....28

Tabela 2 - Categorias de análise do Instrumento de Avaliação.....38

Tabela 3 - Resultados da análise das categorias do Instrumento de Avaliação.....38

Gráfico 1 - Habilitações Literárias das educadoras de infância em Creche.....29

Gráfico 2 - Faixa etária do grupo de crianças com que os inquiridos trabalham.....41

Gráfico 3 - Pertinência da realização de atividades plásticas na creche.....42

Gráfico 4 - Frequência das atividades plásticas.....42

Gráfico 5 - Diversidade das atividades em creche.....43

Gráfico 6 - Adequação do espaço à faixa etária.....45

Gráfico 7 - Avaliação da diversidade de materiais disponíveis.....46

Gráfico 8 - Adequação dos materiais disponíveis à faixa etária da Creche.....47

Gráfico 9 - Aspetos a serem melhorados no espaço de sala.....49

Índice de Anexos

Anexo I – Entrevistas e grelha de análise

Anexo II – Instrumento de Avaliação do Ambiente Educativo

Anexo III – Registos de Observação – Interações

Anexo IV – Questionário a educadoras de infância da Creche

INTRODUÇÃO

O presente Relatório de Estágio, constitui no plano de estudos da Escola Superior de Paula Frassinetti uma componente das unidades curriculares de prática de ensino supervisionada. A escolha da temática do relatório partiu do pressuposto que a criação plástica e a atitude do adulto perante o processo de criação da criança “preconiza a construção de conhecimento, através de um processo ensino-aprendizagem mediado por recursos expressivos que leva o indivíduo a aprender, a saber pensar, inovar, construir conhecimentos, participar activamente no seu próprio crescimento” (Ferraz & Dalmann, 2011, p. 44).

Deste modo, foi importante a investigação e reflexão e como tal numa primeira fase perspectivou-se: aprofundar “um olhar” sobre Educação Artística refletindo sobre o seu papel, o seu lugar e o seu valor, a apreciação e o seu papel para a compreensão (na dimensão interpretativa e na construção de significados), criação como meio de expressão, bem como o papel do educador como promotor e enriquecedor de experiências de apreciação e criação das crianças. A investigação de carácter teórico, serviu assim, de ponto de partida para o trabalho de campo. Uma vez organizada a parte teórica, deu-se início à construção da problemática e as opções metodológicas, bases para a intervenção prática.

Este relatório de investigação encontra-se dividido em três capítulos essenciais. O primeiro assente na revisão bibliográfica do tema e o segundo aborda as opções metodológicas que se caracterizam por: tipo de estudo; contexto da investigação e os participantes da investigação. Por fim, os procedimentos, técnicas, instrumentos de recolha e análise de dados da investigação obtidos na sequência da intervenção educativa. Sendo assim, o presente relatório de estágio constitui-se por três capítulos: Capítulo I – Enquadramento Teórico; Capítulo II – Opções Metodológicas e o Capítulo III – Análise e discussão dos dados de investigação e, por fim, as considerações finais.

CAPÍTULO I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1. 1 Um olhar sobre a Educação Artística

A importância da Educação Artística não se resume a si própria, pois pode (e deve) ser analisada como contributo às aprendizagens das outras áreas curriculares. No entanto, se considerarmos as competências a desenvolver nas crianças em contexto Pré-Escolar, teremos de encarar a Educação Artística como meio indispensável para o desenvolvimento da sensibilidade, do pensamento crítico e criativo. O conceito de Educação Artística é muitas vezes visto, exclusivamente, como uma forma de ensinar técnicas artísticas, com vista à criação de artistas. Esta perspetiva não só está errada, como ajunta-lhe uma concepção limitativa. Sousa (2003) explica-nos que,

“(…) na educação tradicional há uma certa tendência para se pretender ensinar a criança a falar antes de perceber o que ouve, ensiná-la a ler antes de saber falar, ensiná-la a escrever antes de lhes permitir experimentar os materiais de desenho, de pintar e de escrever. Há uma educação pseudocognitiva que se abstrai da assimilação e da acomodação; há «matérias» de ensino que requerem um desenvolvimento intelectual superior ao das crianças a quem os programas se destinam.” (Sousa, 2003, p. 81).

Nesta linha de pensamento, Hernández (2000, p. 97) diz-nos também que se continuam a reduzir as atividades artísticas “(…) à realização de atividades agradáveis, de vistoso resultado e perseguindo um tipo de beleza vinculado a uma visualidade formal, e não em termos do processo de aprendizagem ou do novo conhecimento que querem promover”, referindo também a necessidade de encontrar um equilíbrio entre a educação artística e estética:

“É importante destacar o perigo de transformar a arte em uma matéria de ensino. É contrário a um verdadeiro conceito estético a dissecação da arte em regras e noções (...) se, em algum lugar, se deva respeitar a individualidade e os sentimentos da criança, é de maneira especial na educação estética.” (Hernández, 2000, p. 72).

Ou seja, o autor supracitado, questiona o “perigo” de concentrar a Educação Artística numa dissecação da arte “em regras e noções” e a necessidade de enaltecer o sentido estético na sua dimensão criativa e individual. Paralelamente a esta “concepção”, e reportando à real importância e pertinência da Educação Artística, Ana Mae Barbosa refere que,

“O ensino criativo é aquele que dá estímulo, entusiasmo e satisfação à aprendizagem. Esse ambiente criativo de ensino deve prover a criança com experiências ricas e com encontros que lhe permitam lidar com a fantasia, ser imaginativo, fazendo perguntas, maravilhando-se, investigando e testando suas próprias idéias e sentimentos contra os factos” (1975, p. 60).

Partindo deste pressuposto, é necessário encarar a Educação Artística e a Arte como instrumento do pensamento do indivíduo. Na essência da aprendizagem artística estão aspetos do domínio afetivo e cognitivo, que desenvolvem a criatividade. Como nos diz Ana Mae Barbosa (1999, p. 61), “a habilidade desenvolvida pelo processo artístico para interagir, não somente com materiais e ideias mas também com processos mentais, é (...) a chave para ambos, aprendizagem e ensino, através do processo criativo.” A arte representa o papel de veículo e agente interativo no desenvolvimento específico da criatividade, pela sua natureza de agente interativo dos domínios afetivo, cognitivo e motor, transformando-se, assim, num meio de estimulação artística. Barbosa (2008) considera que a arte é então um modo de organizar experiências, e integrá-la no processo educativo, é desenvolver os processos mentais. Deste modo, a autora supracitada destaca ainda a importância da Arte na Educação,

“(…) como expressão pessoal e como cultura é um importante instrumento para a identificação cultural e o desenvolvimento individual. Por meio da Arte é possível desenvolver a percepção e a imaginação, aprender a realidade do meio ambiente, desenvolver a capacidade crítica, permitindo ao indivíduo analisar a realidade percebida e desenvolver a criatividade de maneira a mudar a realidade que foi analisada.” (Barbosa, 2008, p. 18).

É portanto necessário que se considere a Educação Artística e o lugar que lhe pertence como um exercício que configura uma perspectiva de educação, como defende Sousa (2003),

“(…) não com a finalidade de ensinar arte mas com a intencionalidade de proporcionar à criança experiências de aprendizagem sob a forma lúdica-expressiva-criativa, de modo livre, num clima que proporcione a inspiração, motive a expressão dos sentimentos e estimule a criatividade” (Sousa, 2003, p. 24).

Para a criança não interessa o *como* nem o *que* desenha ou pinta, mas sim o que acontece mentalmente no seu cérebro. Deste modo, Sousa (2003) define criatividade como sendo uma capacidade cognitiva que o ser humano possui, que lhe permite pensar

de modo antecipatório, imaginar, inventar, evocar, prever, projetar e que sucede internamente, a nível mental.

Nesta mesma linha de pensamento, David Best (1996, citado por Lopes, 2011, p. 39) refere que “a experiência artística é totalmente cognitiva e racional, e como tal, envolve aprendizagem e compreensão como qualquer matéria no currículo”, posicionando-se numa perspetiva que defende a importância da qualidade das interações educativas neste processo, confrontando-a com a subjetividade com que muitas vezes é considerada e que, segundo ele, inibe o ato educativo, destruindo o próprio papel das artes na educação. Segundo Lopes (2011), importa contudo,

“(…) discutir se há alguma incompatibilidade entre esse desenvolvimento e a formação estética, ou ainda, se essa formação não será condição necessária para que as experiências no domínio das Artes adquiram sentido e rumo, e deste modo, se transformem num factor incontornável do processo de desenvolvimento.” (Lopes, 2011, p. 40).

Acredita-se, assim, que o contexto da Educação de Infância deve promover o contacto com a linguagem artística, bem como com a expressão visual e, por sua vez, privilegiar a criatividade da criança estimulando-a a adquirir novas competências, considerando assim a educação artística também uma âncora na construção de novos saberes. Nesta questão, o novo paradigma da educação pela arte é indiscutivelmente mais abrangente no que diz respeito ao processo educativo, para além da expressão espontânea da criança, “consideram-se a cultura e a formação estética como instrumentos fundamentais no crescimento educativo e artístico integral” (Lopes, 2011, p. 40).

A verdade é que, nos dias de hoje, ainda que se afirme que a educação artística é uma componente importante para o desenvolvimento de cada criança, enquanto indivíduo, esta continua a ser ‘desvalorizada’ ou mesmo vista de forma “subjetiva” por muitos.

A abordagem à educação artística deve envolver o desenvolvimento articulado de estratégias que permitam à criança:

apropriar-se progressivamente de diferentes técnicas e conhecimentos, através da exploração, experimentação e observação, utilizando-as de modo intencional nas suas produções.

ensaiar formas de expressividade e soluções próprias, integrando e relacionando técnicas, materiais e meios de expressão para criar, recriar ou reinventar.

contactar com obras de outros (colegas, artistas), de modo a desenvolver a capacidade de observação, interpretação e reflexão, comunicando os seus sentimentos pessoais e visão crítica, de modo a compreender a possibilidade de múltiplas leituras.” (Lopes da Silva, Marques, Mata e Rosa, 2016, p. 52).

Embora todas as áreas de conteúdo se articulem e sejam transversais no processo de desenvolvimento da criança, o domínio das Artes Visuais na Educação Pré-Escolar é considerada como uma das mais integradoras, “visto que a construção do saber se processa de forma integrada” (Lopes da Silva, Marques, Mata e Rosa, 2016, p. 48). A educação artística, é sem dúvida uma forma da criança se manifestar, expressar, comunicar e desenvolver-se a nível holístico. Segundo Barbosa (2002), para um efetivo ensino da Educação Artística seria necessário:

“Um currículo que interligasse o fazer artístico, a história da arte e a análise da obra de arte estaria se organizando de maneira que a criança, suas necessidades, seus interesses e seu desenvolvimento estariam sendo respeitados e, ao mesmo tempo, estaria sendo respeitada a matéria a ser aprendida, seus valores, sua estrutura e sua contribuição específica para a cultura” (Barbosa, 2002, p. 35).

1.2 A apreciação artística para a compreensão

A imagem possui uma importância relevante na educação atual, visto que pela sua contemporaneidade, ela é mais do que uma possibilidade para a apreciação, e tem sido trabalhada como um veículo significativo de comunicação e persuasão, sobretudo numa sociedade cada vez mais considerada de ‘consumo’ e comunicação de massa, ‘impingida’ pelos media. Neste contexto, Barbosa (1975) já defendia que se deveria alfabetizar para a leitura da imagem. É através da leitura de obras plásticas que se poderá preparar o “público” para a descodificação da gramática visual. Para tal é necessário que se aprenda, “(...) pela contemplação, que o objeto de Arte age sobre quem o observa, organizando sentimentos e ideias e permitindo que o processo de interpretar imagens mobilize o potencial criativo, da mesma maneira que o processo de produzi-las” (Barbosa, 1975, p. 113). Ainda segundo Barbosa (2008), a necessidade de “alfabetização visual” confirma a importância do papel da arte na escola. Refere-se à “leitura do discurso visual” como um processo que vai além da análise dos elementos formais e visuais de uma obra (ou seja, a linha, a cor, a forma, figura, textura, etc). Esta “leitura” é focada na “significação que esses atributos, em diferentes contextos,

conferem à imagem” (Barbosa, 2008, pp. 18-20). A discriminação visual é essencial ao processo de alfabetização.

Assim, a interpretação deixa de ser apenas verbal ou visual, unindo e vinculando esses dois processos. Hernández (2000, p. 49) refere que a dissolução dos seus limites, “leva a que as manifestações e os objetos artísticos se mostrem para serem compreendidos (em seus significados) mais do que para serem vistos (como estímulos visuais).” Esta ‘aprendizagem artística’ na utilização de estratégias intelectuais como a análise, a inferência, as formas de compreensão e interpretação, não só potencia a habilidade manual como (...) “desenvolve os sentidos ou expande sua mente, mas também, e sobretudo, delinea e fortalece sua identidade em relação às capacidades de discernir, valorizar, interpretar, compreender, representar, imaginar o que o rodeia e a si mesmo” (Hernández, 2000, p. 42). Nesta linha de pensamento, as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2016) referem que,

“as explorações e o diálogo (...) sobre estes elementos visuais e a sua representação em diferentes formas visuais constituem meios de desenvolver a sua expressividade e sentido crítico. Este diálogo desperta na criança o desejo de querer ver mais e de descobrir novos elementos, potenciando o estabelecimento de relações entre as suas vivências e novos conhecimentos, levando-a a descrever, analisar e refletir sobre o que olha e vê” (Lopes da Silva, Marques, Mata e Rosa, 2016, p. 53).

Consideremos então em favorecer a compreensão da cultura visual mediante a aprendizagem de estratégias de interpretação dos ‘objetos’ (físicos ou mediáticos) que configuram a cultura visual. A arte, como parte da cultura visual, atua sobretudo como um mediador cultural. Contudo, não se pode falar em cultura visual sem falar em literacia visual. Como referem Giorgis, Johnson, Bonomo, Colbert, et al (1999) “Visual literacy can be defined as the ability to construct meaning from visual images” (p. 146). Para dar sentido às “imagens”, o “leitor” necessita de ser capaz de criticar, explorar e refletir. A autoria do termo “literacia visual” é atribuída a John Debes (1968), mais tarde Fransecky & Debes (1972) numa revisão da sua definição, referem que a literacia visual caracteriza-se por,

“the group of vision competencies a human being can develop by seeing and at the same time having and integrating other sensory experiences. The development of these competencies is fundamental to normal human learning. When developed, they enable a visually literate person to discriminate and interpret the visible actions, objects, symbols, natural or man-made, that he encounters in his environment. Through the creative use of these competencies he is able to communicate with others.” (p. 7)

Por outro lado, Avgerinou & Ericson (1997) afirmam que a literacia visual é constituída por um conjunto de competências que permitem ao indivíduo “to understand and use visuals for intentionally communicating with others” (Avgerinou & Ericson, 1997, p. 291). Perante esta definição pode-se considerar que literacia visual é algo que é visto com os “olhos” e que é “visto” também, com a mente. Lapp et al (1999) consideram o termo ‘intermediality’ para descrever a importância de uma leitura ativa baseada na informação visual e a importância da comunicação visual para captar atenção, reforçando o conhecimento. Hernández (2000, p. 49) refere que se trata então de “ir além de o “quê” e começar a estabelecer o “porquê” das representações, o que as “tornou possíveis, aquilo que mostram e excluem, os valores que consagram.”

Estamos perante a capacidade de ler e “descodificar” e interpretar uma mensagem visual e questionar o seu significado. O próprio conhecimento em artes dá-se na interseção da experimentação, da descodificação e da informação. Neste sentido, é portanto essencial a diversidade da “exposição” a imagens que promovam e provoquem o questionamento e a discussão e por consequência estimule o pensamento crítico. Segundo Bamford (2003), despertar esse sentido crítico requer que sejamos capazes de o fazer:

“(…) in a creative and innovative way so imagination is interwoven through the idea of being ‘critical’ and reasoned responses are combined with affective and imaginative responses. The aim is to create students who have a sense of aesthetic openness, but are also critically aware of the capacity of images to manipulate ” (Bamford, 2003, p. 5).

Neste sentido, e segundo Hernández (2000), as obras artísticas ou elementos da cultura visual aparecem assim não como unidades e variáveis formais, mas sim como unidades discursivas abertas para serem completadas com outros olhares, e, portanto, com outros significados. Segundo esta perspectiva, é, portanto, pertinente a exploração de obras de arte/elementos da cultura visual que promovam e posicionem criticamente as crianças em relação ao seu conteúdo e referência na construção do conhecimento. De facto, não se pode pensar em apreciação artística sem “entender” a obra enquanto interpretação da realidade.

“O ensino da interpretação integra uma parte fulcral de um currículo que segue uma proposta construtivista crítica. O construtivismo implica ‘a tomada de consciência de cada um para construir a relação entre sua própria identidade e as representações sociais sobre ‘o mundo’, e no caso da educação, para a compreensão da cultura visual, sobre a Arte, os artistas, as idéias (...)” (Hernández, 2000, pp. 106-107).

Desta forma, as atividades artísticas passam a ter um significado para o educando, deixando de ser uma atividade incompreendida. Raimundo Matos de Leão (2003) destaca a proposta triangular de Ana Mae Barbosa que propõe os seguintes tópicos: Conhecer arte (história) possibilita o entendimento de que arte se dá num contexto, tempo e espaço onde se situam as obras de arte. Apreciar arte (análise) desenvolve a habilidade de ver e descobrir as qualidades da obra de arte e do mundo visual que cerca o apreciador. Por conseguinte, com a apreciação educa-se o sentido estético. Para Ana Mae Barbosa (1991),

“Ao entrar em contato com a obra de arte, ao ver a imagem, o aluno desenvolve sua capacidade crítica, estabelecendo uma relação de aprendizagem com o objeto em questão(...) esse desenvolvimento se dá através dos seguintes processos: ao ver atentamente, o aluno descreve; ao observar o que vê, ele analisa; ao significar, interpreta, e ao decidir acerca do valor, julga.” (Barbosa, 1991, cit. Leão, 2003, p. 56)

Segundo Hernández (2000), as mudanças nas noções de arte, cultura, imagem, história e educação na sua contemporaneidade, estão vinculadas às noções de “mediação” de representações, de valores e de identidades,

“(…) as imagens são mediadores de valores culturais e contêm metáforas nascidas da necessidade social de construir significados. Reconhecer essas metáforas e seu valor em diferentes culturas, assim como estabelecer as possibilidades de produzir outras, é uma das finalidades da educação para a compreensão da cultura visual.” (Hernández, 2000, p. 133).

Como tal, a imagem no contexto educacional deve ser explorada no sentido em que a criança possa refletir e aprender. Ana Mae Barbosa (1991) refere que:

“A produção de arte faz a criança pensar inteligentemente acerca da criação de imagens visuais, mas somente a produção não é suficiente para a leitura e o julgamento de qualidade das imagens produzidas por artistas ou do mundo cotidiano que nos cerca. (...) Temos que alfabetizar para a leitura da imagem. Através da leitura das obras de artes plásticas, estaremos preparando a criança para a decodificação da gramática visual, da imagem fixa e, através da leitura do cinema e da televisão, a prepararemos para aprender a gramática da imagem em movimento. Essa decodificação precisa ser associada ao julgamento da qualidade do que está sendo visto aqui e agora e em relação ao passado.” (Barbosa, 1991, cit. Leão, 2003, pp. 34-35).

A leitura de imagens busca a transformação, a apuração do olhar, a construção de sentimentos e estabelecimento de conexões na assimilação da “informação” que permeia acima de tudo a comunicação verbal, visual e emocional. Apreciar uma obra é

percebê-la, compreendê-la, interpretá-la, apropriar-se dela para atribuir significado e sentido à mesma. O significado está relacionado ao sentido que se lhe dá, ou seja, às relações que se estabelecem entre as experiências pessoais e o que é observado. No entanto deve-se procurar, mais do que a representação fiel, a busca da individualidade e a apreciação pode ser o “gatilho” que impulsiona a criatividade. No que diz respeito ao acesso à arte e à cultura as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, destacam a importância do contacto com as artes visuais,

“a capacidade de criar e apreciar é ainda alargada através do contacto e observação de diferentes modalidades das artes visuais (pintura, escultura, fotografia, cartaz, banda desenhada, filme, etc.) em diferentes contextos (museus, galerias, monumentos e outros centros de cultura), permitindo à criança a inserção na cultura do mundo a que pertence.” (Lopes da Silva, Marques, Mata e Rosa, 2016, p. 54).

Estes são portanto momentos privilegiados de acesso à arte e à cultura que se traduzem por um enriquecimento da criança, ampliando o seu conhecimento do mundo e desenvolvendo o sentido estético. A educação pela arte estimula o desenvolvimento do pensamento artístico, caracterizando um modo particular para dar sentido às experiências pessoais, estimulando a sensibilidade, a percepção, a reflexão a criatividade e por consequência a criação. É assim inevitável pensar que a apreciação poderá ter impacto na criação artística. Como recurso pedagógico, pode e deve ser explorada, de tal forma que permita às crianças, descobrir e estimular a sua capacidade crítica, despertando a descoberta e estimule a criação, trabalhando a ‘releitura, não como cópia, mas como interpretação, transformação’ resultando assim mais do que em obras de arte, produções plásticas. A leitura da obra de arte não deve ser usada apenas para o conhecimento e a fruição, mas, sobretudo, para estimular o aluno a produzir suas próprias imagens, mesmo que se identifique com aspectos formais de um ou outro artista. Barbosa (2008) destaca a sua importância quando refere:

“(…) Deste modo, é necessário começar a educar o olhar da criança desde a educação infantil, possibilitando atividades de leitura para que além do fascínio das cores, das formas, dos ritmos, ela possa compreender o modo como a gramática visual se estrutura e pensar criticamente sobre as imagens.” (Barbosa, 2008, p. 81).

Na perspectiva de Silva, Pereira e Cerqueira (2007), quando citam Martin (2003) “ hay que saber emocionar-se y disfrutar de nuestra mira, aprendendo a ver las cosas tal como merecen ser contempladas. Hay que conquistar nuestra mirada o hay que reeducarla.” (p. 347).

1.3 A criação como meio de expressão

Ao falar em arte ou criação plástica em contexto de Educação de Infância podemos assumir que esta permite transformar algo que se pode considerar “abstrato” em concreto – o pensamento. Segundo Rodrigues (2002), “sendo o pensamento uma abstracção, a obra de arte é a sua concretização sintética. Assim, o concreto e o abstracto complementam-se” (p. 15). É através da criação, seja esta o desenho, a pintura, a escultura, que a criança “registra” os seus pensamentos, emoções e projeta o seu pensamento nos primeiros anos de vida.

Como afirmam Hohmann e Weikart (2003), “através do desenho e da pintura (...) as crianças tentam igualmente dar um certo tipo de ordem e sentido aos seus conhecimentos e ganhar algum controlo sobre as coisas, quantas vezes confusas, que acontecem na sua vida” (p. 512). Nesta perspetiva a criação plástica poderá ter um papel fulcral no desenvolvimento da capacidade de interpretar, analisar e apreciar todo o tipo de imagens, pois “el ciudadano del futuro deberá ser un receptor consciente y un productor eficaz de imágenes y/u obras de arte.” (Caja, Berrocal & Ramos, 2003, p. 39 citado por Silva e Oliveira, 2013, p. 55).

Ainda, segundo Hernández (2000), neste processo, a “criação” está sempre contextualizada e não é um fim em si mesma, mas sim um meio para estabelecer novas formas de compreensão. É exatamente a forma de compreender e adotar uma posição crítica que favoreça a auto-reflexão, um olhar em torno de si mesmo e do que o cerca, que depois facilitará assim a forma de comunicar, de representar e de se expressar. Sousa (2013) refere que, “tal como a linguagem e as palavras são importantes para a expressão verbal, assim são as técnicas e os materiais para a expressão plástica.” (p. 183). Enquanto forma de expressão, a criação depende do processo educativo, para incentivar um gradual conhecimento e domínio de instrumentos e técnicas, o que pressupõe que se criem as condições e oportunidades mais enriquecedoras e diversificadas possíveis e “garantir também o acesso das crianças à arte e à cultura artística. A multiplicidade e diversidade de todos estes possíveis materiais exigem uma organização cuidada que facilite o acesso e utilização autónoma por parte das crianças, incentivando o desenvolvimento da capacidade expressiva de cada criança e do grupo.” (Lopes da Silva, Marques, Mata e Rosa, 2016, p. 53).

Sousa (2003), afirma que “o principal objetivo é a expressão das emoções e sentimentos através da criação com materiais plásticos” (p. 160), como tal o facto de

uma criança desenhar, pintar ou modelar é uma forma de transmitir o prazer e a alegria que esta lhe dá, pois o que é relevante é a ação que a criança executa, não a finalização do produto, ou arte criada. Por outras palavras, Sousa (2003), reforça a ideia que não interessa se a obra é boa ou má, não devemos fazer juízos de valor, pois o que nos interessa é o ato expressivo. Partindo desta ideia para Sousa (2003) o ato criativo é visto como uma potencialidade que se deve estimular, partindo de meios e de motivações, para que haja uma passagem de algo criativo para a ação criativa, isto é à criação. A criação passa assim a ser mais relevante que a sua simples execução. À criança deve ser dada liberdade de descoberta, para explorar sensações assim a própria criança perceberá que a técnica utilizada é uma maneira para dar vida e forma à sua imaginação. É através das representações que a criança produz, que a própria tenta organizar o mundo, refletindo sobre as suas percepções. Segundo Golomb (1992, citado por Hohmann e Weikart, 2003), as representações são “o resultado de uma actividade do corpo e mente exuberante e barulhenta, na qual o produtor e produto são inseparáveis” (p. 478). Nesta perspetiva, cabe ao educador respeitar e compreender o trabalho produzido pela criança, a fim de não limitar nem a sua criatividade nem a liberdade de expressão.

Segundo este pensamento, podemos afirmar que tanto a apreciação artística como o processo de experimentação e própria criação são atos de livre interpretação e expressão pessoal e é justamente por meio da Educação Artística que se poderá compreender e usufruir da própria Arte. Nesta relação entre a leitura e a criação plástica encontrar-se-ão de mãos dadas os objetivos e possibilidades realmente enriquecedoras de aprendizagem e conhecimento.

1.4 O educador como promotor e enriquecedor de experiências de apreciação e criação das crianças

De acordo com o Decreto-Lei nº240/201, artigo 4º, Anexo nºIII, ponto 2, alínea g, pressupõe-se que o educador:

Desenvolve estratégias pedagógicas diferenciadas, conducentes ao sucesso e realização de cada aluno no quadro sócio-cultural da diversidade das sociedades e da heterogeneidade dos sujeitos, mobilizando valores, saberes, experiências e outras componentes dos contextos e percursos pessoais, culturais e sociais dos alunos.

Como mediador e agente interativo entre o processo criador, o conhecimento e a criança, o educador exerce uma função determinante no processo de ação-aprendizagem e no enriquecimento das experiências criadoras. Neste contexto, é fundamental que, como agente educativo, assuma um papel de promotor de oportunidades de aprendizagem significativas mas também do pensamento reflexivo sobre o que a criança observa ou sente, auxiliando-a a compreender o mundo que a rodeia: “Quanto mais ampla for a gama de possibilidades que oferecemos às crianças mais intensas serão as suas motivações e mais ricas suas experiências” (Edwards, Gandini, Forman, 1999, p. 90). Sendo o seu papel fundamental na valorização das artes visuais e na promoção da educação artística é importante que não só crie experiências enriquecedoras mas que também tenha em consideração a utilização de materiais e técnicas diversificadas, organização do espaço, tempo e planificação de atividades que proporcionarão às crianças experiências enriquecedoras. Como tal as OCEPE referem que a própria intervenção do Educador deverá partir,

“(…) do que as crianças já sabem e são capazes de fazer, do seu prazer em explorar, manipular, transformar, criar, observar e comunicar, para proporcionar experiências e oportunidades de aprendizagem diversificadas que ampliam a expressão espontânea das crianças e garantem o direito de todas no acesso à arte e à cultura artística” (Lopes da Silva, Marques, Mata e Rosa, 2016, p. 47).

Segundo Dias (2012),

“o cuidado com que o educador/professor aborda uma temática, a forma como ele apresenta a atividade e os materiais implícitos, o modo como clarifica o que se pretende da atividade e, acima de tudo, a maneira como ele “olha” todo o processo de construção da atividade e o resultado final, condicionará, de facto, o desempenho da criança” (p. 17).

Esse olhar passa também pela organização cuidada do ambiente educativo. Para tal o educador deverá disponibilizar uma multiplicidade de materiais de qualidade, organizados de forma a facilitar o acesso e utilização autónoma por parte das crianças. Deve não só mas também planificar atividades de apreciação, experimentação e criação, onde o diálogo, a exploração lúdica e heurística esteja sempre presente, articulando assim a Educação Artística com as restantes áreas de conteúdo e deverá fazê-lo por exemplo através da exploração de elementos da comunicação visual.

“Na educação artística, a intencionalidade do/a educador/a é essencial para o desenvolvimento da criatividade das crianças, alargando e enriquecendo a sua representação simbólica e o seu sentido estético, através do contacto com diversas manifestações artísticas de diversas épocas, culturas e estilos, de modo a incentivar o seu espírito crítico perante diferentes visões do mundo.” (Lopes da Silva, Marques, Mata e Rosa, 2016, p. 47).

À criança deverá ser dada a liberdade de expressão, de criar a sua arte de forma significativa para si, sem condicionar o processo e o produto final desligando-se de modelos estereotipados que possam condicionar a criatividade, imaginação e individualidade da criança. Assim, “o apoio do/a educador passa por um diálogo aberto e construtivo, que incentiva a criança a encontrar formas criativas de representar aquilo que pretende e promove simultaneamente o desejo de aperfeiçoar e melhorar.” (Lopes, Marques, Mata e Rosa, 2016, p. 52). Segundo Davis e Gardner (2002), a abordagem pedagógica com que o faz, permite “(...) expressar o seu apreço pelo conhecimento intuitivo que a criança exteriorizou (...)” e a utilização de vocabulário simbólico, o respeito, bem como o “(...) reconhecimento de que elas são apreciadas”, faz com que as crianças aprendam a “(...) respeitar o seu próprio trabalho e a conceberem as suas produções artísticas como articuladas na mesma linguagem” (p. 452).

Por outro lado, expor a criança a diversos elementos visuais e suas representações desperta o diálogo que surge destas experiências e descobertas e que consequentemente constituem meios de desenvolver a sua expressividade e sentido crítico.

“Ao longo deste percurso visual que inter-relaciona o “falar sobre as imagens” e os “modos de ver as imagens”, a criança enriquece o seu imaginário, aprende novos saberes, integra-os no que já sabe, e experimenta criar novas imagens, desenvolvendo progressivamente a sua sensibilidade estética e expressividade através de diversas modalidades (...)” (Lopes da Silva, Marques, Mata e Rosa, 2016, p. 53).

É fundamental que, para além de experimentar, executar e criar, as crianças tenham oportunidade de apreciar, e de dialogar sobre aquilo que fazem (as suas produções e as das outras crianças) e o que observam (natureza, obras de arte, arquitetura, design, artefactos, etc.). Cabe também ao/à educador/a explorar com as crianças temas, personagens e histórias que as imagens contam e levá-las, de modo progressivo, a descobrirem a importância e expressividade dos elementos formais da comunicação visual. Os elementos da comunicação visual a explorar são muito diversificados, podendo integrar aspetos como: a cor (cores primárias e secundárias, mistura de cores), a textura (mole, rugosa), as formas geométricas (quadrado, retângulo, triângulo, círculo, etc.), as linhas (retas, curvas, verticais, horizontais), as tonalidades (claro, escuro), a figura humana (retrato e autorretrato) e a desproporção e a proporção natural. Neste sentido, não deve condicioná-la a representações estereotipadas e que possam condicionar o imaginário da criança e da sua criatividade. A este respeito Sousa (2003) refere que,

“(…) interessa que o professor possua um espírito de grande abertura, para proporcionar um clima em que a criança se sinta à vontade para expressar a sua espontaneidade criativa, manifestando-se do modo que o desejar, com a maior liberdade e sem a menor inibição ou constrangimento” (pp. 144-145).

O tempo disponibilizado para atividades artísticas deverá ser tido em conta e pensado/planificado de forma a que a criança possa para explorar e viver o momento de forma plena, assim sendo, o educador deve organizar o tempo de forma flexível, permitindo que “a criança desenvolva o processo expressivo ao seu ritmo incluindo retomar o trabalho em diverso(s) momento(s), até que o considere terminado” (Lopes da Silva, Mata e Rosa, 2016, p. 55). Todas estas considerações apontam-nos também para a forma como o educador se relaciona com o grupo de crianças e o modo como o faz influencia também o que as motiva e o que aprendem. Como tal, o educador deve saber “interligar o campo cognitivo com os campos do relacionamento e da afetividade (...) deve haver também conexão entre o desenvolvimento e a aprendizagem, entre as diferentes linguagens simbólicas, entre o pensamento e a ação.” (Edwards, Gandini, Forman, 1999, p. 77). Com efeito, o educador deverá orientar o processo de aprendizagem, assegurando o equilíbrio (que se requer harmonioso) entre as diferentes áreas de desenvolvimento da criança. Cabe-lhe a ele saber valorizar e incentivar a aprendizagem que as crianças possam efetuar, sob pena de não cair na desmotivação, no desinteresse, tão prejudiciais no caminho que terá de percorrer ao longo dos vários

níveis educativos. O papel do educador é, efetivamente, de extrema importância na valorização e apreciação das artes visuais. Como tal, ao longo ou durante processo de criação das crianças, o educador, quando pertinente, poderá envolvê-las numa apreciação do que foi realizado, perceber as suas escolhas, de modo a apoiá-las na concretização do que desejam fazer. A relação pedagógica visa o pleno desenvolvimento integral da criança, no respeito pela sua autonomia e deste ponto de vista, a responsabilidade de que os docentes estão revestidos tem sempre um carácter paradoxal, uma vez que não se baseia numa afirmação de poder mas no livre reconhecimento da legitimidade do saber. Neste contexto, cabe ao educador refletir sobre as suas funções e responsabilidades. A este respeito Formosinho (2009) destaca que o educador deve ser uma pessoa

“(…) psicologicamente madura e pedagogicamente formada, capaz de ser o instrutor e o facilitador da aprendizagem, o expositor e o individualizador do ensino, o dinamizador de grupos e o avaliador de performances, o animador e o controlador, o catalisador empático de relações humanas e o investigador, o que domina os conteúdos e o modo de os transmitir, o que ensina para se aprender e ensina a aprender a aprender” (pp. 50-51).

De uma forma geral, o educador deve ser um mediador no processo de ensino-aprendizagem da criança, capaz de estimulá-la e motivá-la no decorrer desta aprendizagem e, por outro lado, fazer com que a criança desempenhe um papel ativo na construção do seu desenvolvimento e aprendizagem, o que pressupõe que o educador a ‘veja’ como sujeito e não objeto do processo educativo,

“um propósito que implica, da parte do Educador, uma pedagogia estruturada que o obriga a planear o seu trabalho, avaliar o processo e os seus efeitos no desenvolvimento e aprendizagem das crianças. Por outras palavras, esse esforço pessoal do Educador contribuirá para o sucesso das aprendizagens no Jardim de Infância” (Lopes, 2011, p. 28).

Implica estar em constante formação e ter a capacidade de reconhecer que ao longo do seu percurso, é fundamental refletir sobre as suas práticas e ser capaz de modificar as suas ações conforme os obstáculos ou desafios que lhes são impostos. A este respeito, na perspetiva de Perrenoud (1993), a reflexão convida o educador a fazer parte do problema, a assumir as suas responsabilidades, a conceber estratégias alternativas, a implicar-se nas mudanças. Por outro lado Dewey (1966, citado por Zabalza, 2002, p. 45) destaca que a “reflexão é a aceitação da responsabilidade para

uma ação futura.” A emergência desta visão do educador como profissional em permanente desenvolvimento advém também das mudanças constantes da sociedade atual e das teorias educacionais e pedagógicas. O papel do educador como agente de mudança, exige, portanto, um esforço permanente de aprendizagem, que se inscreve numa dinâmica de formação e reflexão constante e tem como finalidade o sucesso da intervenção educativa e a melhoria da qualidade das aprendizagens futuras. Nesta perspectiva, o educador não deverá considerar o currículo como um documento estanque, mas sim flexível e aberto. Caberá então assim ao educador saber adaptá-lo à sua realidade, à comunidade, escola onde se insere, ao projeto educativo e às características do grupo de crianças e suas particularidades.

“O eixo do trabalho pedagógico e do papel do educador, desloca-se, portanto, da compreensão intelectual para a atividade prática, do aspecto lógico para o psicológico, dos conteúdos cognitivos para os métodos ou processos de aprendizagem, do professor para o aluno, do esforço para o interesse, da disciplina para a espontaneidade, da quantidade para a qualidade” (Saviani, 2006, p. 2).

CAPÍTULO II – OPÇÕES METODOLÓGICAS

2. Metodologia de Investigação

O presente capítulo pretende explicitar as opções metodológicas na recolha de dados durante a Prática de Ensino Supervisionada (PES), decorrida ao longo do ano letivo 2015/2016 e primeiro semestre de 2018/2019, em contexto de Jardim de Infância e Creche. A PES foi, sem dúvida, uma mais valia para a educadora estagiária no sentido em que possibilitou e promoveu o contato direto com crianças e profissionais de Educação de Infância, contribuindo assim para a formação e aquisição das competências desejadas (observação, prática, reflexão e investigação sobre as metodologias utilizadas em contexto de sala). Este período de estágio e investigação realizou-se numa Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS) e foi caracterizado por duas fases: a primeira (e mais longa) fase de estágio teve a sua duração durante os meses de Outubro de 2015 até Junho de 2016 em contexto de Jardim de Infância e a segunda em contexto de creche durante o período de Outubro de 2018 até Fevereiro de 2019.

Como tal, foi em contexto de Jardim de Infância que se deu início à escolha da problemática deste documento e se delinearão as linhas orientadoras para este relatório. Centrado na pertinência do subdomínio das Artes Visuais o enfoque deste documento incide sobre a atitude do adulto no sentido de compreender como possibilita e estimula a criação plástica da criança, demonstrando assim o papel fundamental que este tem no processo de criação.

Neste sentido, a problemática conduziu à necessidade de responder a diferentes objetivos que guiaram e estruturaram o desenvolvimento desta investigação, mais precisamente a organização metodológica. Como tal, os objetivos/questões deste trabalho são:

- perceber de que forma o adulto organiza o espaço e materiais tendo em conta o domínio das artes visuais;
- perceber de que forma o adulto organiza o tempo das atividades no âmbito das artes visuais;
- perceber se o ambiente é adequado e propício à realização de atividades no âmbito das artes visuais.

- compreender o tipo de estratégias e recursos a que o adulto recorre e disponibiliza para proporcionar experiências artísticas de apreciação e criação.
- conhecer a atitude dos adultos perante a criação plástica das crianças.

Para tal, foi necessário estabelecer um caminho cuja teoria confrontada com a prática completou o trabalho de campo em contexto de estágio profissional. As opções metodológicas que depois deram lugar à recolha e análise de dados permitiram aprofundar de forma contextualizada a problemática em questão.

2.1. Contexto da Investigação

2.1.1. Caracterização do contexto de Jardim de Infância

A PES realizada em valência de J.I. decorreu numa Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS) para a qual a estagiária foi destacada. Composta por 3 edifícios a IPSS em questão é caracterizada pelas valências da creche/berçário e jardim-de-infância, as mesmas abarcam o primeiro edifício. O segundo edifício, abrange o Centro de Dia da Terceira Idade e o terceiro edifício alberga o C.A.T.L. (Centro de Atividades de Tempos Livres). Esta Instituição tem capacidade para receber no total 50 utentes e 290 crianças: 100 na creche/berçário; 115 no jardim-de-infância e 75 no C.A.T.L. No que concerne aos recursos físicos e materiais, vários são os que dotam este Estabelecimento Educativo: Gabinete de Psicologia e Pediatria, cantina, casas de banho, dormitório, sala de espelhos (Sala de Ballet), lavandaria, balneários, átrio interior, auditório, sala do Xadrez e do Futsal, Gabinete das Educadoras, Gabinete de Enfermagem, Gabinete da Presidência, Secretaria, sala de reuniões, sala de atendimento, biblioteca, salas destinadas à creche/berçário, salas direcionadas ao jardim-de-infância, salas atribuídas ao C.A.T.L., sala de acolhimento, recepção, parque infantil (exterior), uma pequena gruta (exterior), espaços verdes (exterior), viveiro com diferentes espécies de aves, uma fonte (exterior), um lago remodelado com diferentes peixes (exterior), entre outros.

Estes espaços, na sua maior parte, estão adaptados a crianças com mobilidade reduzida – na medida em que possuem rampas de acesso e elevadores que ligam todos os pisos de cada edifício – e equipados com diversos materiais adequados e, devidamente, organizados. No que diz respeito ao contexto de sala dos 3 anos em que ocorreu a primeira fase da PES esta caracteriza-se por uma sala relativamente ampla e

com bastante iluminação natural. As paredes eram pintadas com cores vivas (e cobertas por papel de cenário) e as áreas estão bem definidas. A definição das áreas tinha um papel relevante na sala pois além de delimitar e definir os espaços, facilitava também a livre exploração e mobilização dentro dos mesmos.

O espaço da sala era organizado por 6 áreas de interesse (excluindo a área do acolhimento): área da casinha; área dos jogos, área da garagem; área da biblioteca; área das construções e a área da biblioteca, devidamente identificadas com fotografias. No centro da sala encontrava-se uma mesa ampla (constituída por 3 mesas unidas) e diversas cadeiras. Nesta mesa aconteciam atividades ligadas ao subdomínio das artes visuais e os materiais encontravam-se ao alcance das crianças (em dois conjuntos de armários baixos de prateleiras, onde se pode encontrar plasticina, papel, cartolina, materiais de desperdício, tintas, pincéis, canetas e lápis e ainda um cavalete). A sala dispunha ainda de um rádio de cd, utilizado em diversos momentos (algumas vezes durante as atividades livres, mas essencialmente na altura da sesta). Já a área da casinha era delimitada por uma cerca. Esta área tinha duas divisões “distintas”, a mesa da sala e armários (para arrumações), cozinha com banca de lavar os pratos, fogão e frigorífico e a divisão do quarto, com uma cama, mesinha de cabeceira (e telefone) e um armário de roupa bem como um piano. Na área dos jogos podíamos encontrar vários materiais didáticos (puzzles e outros jogos) e uma mesa. Nesta área encontrava-se também um armário baixo com algumas divisórias com caixas de modo a facilitar a arrumação, escolha e exploração das crianças. A área da garagem bem como a área das construções, as mais pequenas de todas, eram delimitadas por um tapete de ‘estradas’ com alguns carrinhos e materiais de construção. Por fim a área da biblioteca encontrava-se mais resguardada, num canto da sala com tapete, almofadas e prateleiras onde as crianças podiam aceder aos livros.

No que concerne ao grupo, este demonstrava um especial interesse e entusiasmo acima da média no que dizia respeito às atividades de leitura, de faz de conta e acima de tudo atividades de expressão e criação plástica. A área denominada pela educadora como a área da “plástica” ocupava assim um grande espaço da sala. Tirando partido do seu interesse natural e motivação intrínseca foram bastantes as atividades plásticas que a estagiária propôs realizar com eles, procurando acima de tudo recorrer a materiais e técnicas diversificadas. A estampagem, o desenho, a criação tridimensional, a pintura com pincel, esponja, digitinta, materiais reciclados, entre outras técnicas foram explorados ao máximo tendo sido possível observar que estas crianças não só

participavam ativamente como, dando-lhes as ‘ferramentas’ e tempo necessário o diálogo criativo fluía de forma natural e mostrou-se também, impulsionador de outros novos interesses e motivações.

2.1.2. Caracterização do contexto de Creche

Já o estágio em contexto de Creche decorreu durante o primeiro semestre do ano letivo de 2018/2019 numa instituição privada, na sala de 1 ano e cuja faixa etária incluía crianças entre os 12 e os 21 meses (duas crianças respetivamente). Tem atualmente três polos, que servem valências educativas diferenciadas. O polo I foi inaugurado a 13 de outubro de 2001 e nele funcionam a Creche e Educação Pré-Escolar. O polo II, foi inaugurado a 1 de julho de 2005 e abrange todo o Ensino Básico. O Polo III foi inaugurado dia 2 de maio de 2012 e nele funciona, desde 12 de setembro de 2011, o Ensino Secundário. A existência desta Instituição encontra-se devidamente reconhecida a nível ministerial e concelhio, na sua capacidade de gestão educativa, financeira e organizacional, em regime de autonomia pedagógica. Tem ao dispor das famílias vários serviços, tais como: Serviço de Educação e Apoio especializado (que integra os serviços de Psicologia e Educação Especial) e é constituído por 5 Psicólogas Escolares e 1 Docente de Educação Especial; o Serviço de Nutrição, Alimentação e Saúde (SNAE) e o Serviço de Desporto, Atividade Física e Bem-Viver. Podemos ainda encontrar o Gabinete de Informação e Apoio (que dá continuidade à implementação de projetos/programas no âmbito da Educação para a Saúde, bem como outros). Assim, a Educação para a Saúde, nesta instituição, conta com a colaboração dos Serviços de Psicologia e de Nutrição, assim como do Departamento de Educação Física e o Gabinete de Orientação ao Aluno (que se caracteriza como estrutura de apoio que permite acompanhar o processo de educação para a carreira dos alunos do Ensino Secundário, através do desenvolvimento de atividades que permitam analisar o conhecimento de si próprio, a exploração de carreira e a tomada de decisão sobre a própria carreira).

A instituição, dando cumprimento às orientações do Ministério da Educação para a organização das atividades de enriquecimento curricular, operacionaliza um projeto integrado e sequencial, que se desenvolve numa perspetiva de continuidade entre a Creche, J.I., o Ensino Básico e Secundário. Na Creche e J.I., a oferta de enriquecimento curricular engloba várias áreas, nomeadamente a Expressão Motora, Expressão Musical e Dramática, Oficina de Ciências, Tecnologias da Informação e

Comunicação, Inglês, Filosofia para Crianças e Hora do Conto. Para o berçário e Sala de 1 ano são contempladas atividades de enriquecimento curricular entre as quais: hora do conto, Educação Física, Música e Jogo Dramático; Inglês (projetos de língua inglesa em codocência) e atividades de exploração no exterior. Para as salas de 2 anos contemplam-se as mesmas ofertas educativas com a adição de um laboratório de exploração Sensorial.

Já para os 3, 4 e 5 anos as atividades de oferta curricular são as mesmas referidas anteriormente mas também contemplam uma oficina de Educação Artística e Conhecimento do Mundo; T.I.C (gamificação, narrativas digitais e animação) e Filosofia com crianças. É de referir que, especialmente na Creche os pais são parceiros ativos e integrados na vida pedagógica, dinamizando atividades e participando em projetos que lhes permitam aprender novas estratégias de desenvolvimento e competências. Na Educação Pré-Escolar encontramos ainda outros projetos e programas de alimentação saudável em saúde escolar, responsabilidade social (participação, empreendedorismo e cidadania democrática), EcoEscolas (educação ambiental e desenvolvimento sustentável).

No que diz respeito à relação e comunicação entre a instituição e pais (e vice versa) esta ocorre frequentemente através do registo oral e de uma plataforma digital. Nesta plataforma digital estão registadas informações relativas à alimentação, sono, higiene e participação da criança nas atividades, incluindo uma explicação mais detalhada do trabalho pedagógico que vai sendo desenvolvido. O portefólio de aprendizagem digital é um instrumento construído em parceria com o educador e os pais e permite documentar as conquistas das crianças nos diferentes domínios. Pelo que foi possível observar as planificações (que entretanto foram reformuladas em termos de disposição da informação) seguem um modelo único para todas as educadoras, centrando-se agora na teia de atividades em rede para a semana seguinte, um espaço para uma pequena reflexão sobre a semana que decorreu anteriormente e uma tabela com as aprendizagens a promover no grupo para a semana seguinte (com aprendizagens a promover, conteúdos, organização do grupo e atividades) baseando-se nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar.

O espaço da creche é organizado de uma forma cuidada, tendo em consideração as experiências-chave do modelo High Scope. Os materiais são cuidadosamente escolhidos, atendendo a critérios de segurança, qualidade, funcionalidade e ludicidade. O contacto com o chão é valorizado, sendo os tapetes sensoriais muito explorados. As

crianças são convidadas a explorar o mundo desenvolvendo a iniciativa própria e o autoconhecimento (pensamento de Emmi Pikler). O leque de espaços pretende estimular o desenvolvimento pessoal, social e motor e é ajustado a diferentes vivências e experiências, quer no contacto com espaços interiores como espaços exteriores.

A sala caracterizada pela ‘sala de 1 ano’ é uma sala que possui bastante iluminação natural, as janelas percorrem toda uma área da parede e são baixas o suficiente para que o grupo se apoiasse e conseguisse observar à sua altura o exterior. A sala está apetrechada de muitos brinquedos, jogos e material suficiente para o desenvolvimento de diversas atividades e algumas áreas definidas como: a da casinha, da leitura e uma área relativamente indefinida para potenciais atividades de carácter artístico onde se encontram duas mesas.

O espaço é amplo e aberto para que as crianças se possam deslocar livremente sendo caracterizado também pela área do acolhimento. A sala tem ainda de um rádio de cd, utilizado em diversos momentos (algumas vezes durante as manhãs, mas essencialmente na altura da sesta). Na sala pode-se encontrar ainda um muda fraldas e vários compartimentos pessoais de cada criança com os seus bens necessários (fraldas, chupetas, toalhitas, objetos pessoais). Os móveis estão adaptados à altura, necessidades, interesse e curiosidade pessoal das crianças. No canto da sala encontram-se também dois pequenos ‘sofás’ e um móvel com alguns livros.

A sala tem ainda algumas prateleiras com uma grande variedade de brinquedos e jogos pedagógicos acessíveis ao grupo, que se desmontou ser capaz de se deslocar, na sua maioria sozinhos e/ou gatinhavam até ao mesmo procurando o objeto que mais os interessava. Na área onde se encontram as mesas foi possível observar algumas atividades no âmbito das artes visuais. Os materiais para estas atividades não se encontram ao alcance das crianças (estando estes inseridos num armário por baixo da banca e noutros compartimentos à volta da sala). Porém foi possível ao longo da PES intervir no sentido de potenciar e promover algumas atividades de carácter artístico mais essencialmente de exploração de materiais e técnicas que não se encontravam ao dispor do grupo ou da sala até então mas que a estagiária foi aos poucos adequando e explorando com as crianças para de certa forma colmatar algumas necessidades (necessidades essas mesmo ao nível sensório-motor) que foi observando durante o período de intervenção e prática supervisionada.

2.2 Participantes da Investigação

Esta investigação contou com a colaboração da educadora cooperante da sala dos 3 anos (e respetivo grupo de crianças) e restantes educadoras de J.I. da instituição. O grupo de sala era constituído por 23 crianças, na faixa etária dos 3 anos: 13 do sexo masculino e 10 do sexo feminino. Todas as crianças viviam em agregados familiares biparentais sendo que a maioria tinha pelo menos 1 irmão/ã. Relativamente às habilitações literárias dos pais, a maioria possui ensino superior. Tendo em conta a informação recolhida, concluiu-se que o grupo era, na sua maioria, oriundo de um meio socioeconómico médio. A maioria das crianças que formavam o grupo de sala dos 3 anos frequentavam o jardim de infância desde o berçário, sendo apoiados por uma auxiliar que acompanhou o grupo desde o início do percurso pré-escolar. Os registos de observação relativos à interação adulto/criança contaram com a sua participação, sendo as observações registadas durante as atividades de carácter artístico, propostas pela educadora e estagiária. Esta investigação contou ainda com a colaboração de quatro educadoras do Jardim de Infância da instituição e cujas faixas etárias com que trabalham compreendiam os 3 e 4 e 5 anos de idade. A amostra foi seleccionada tendo em conta as educadoras da instituição na qual o estágio decorreu e que se disponibilizaram e aceitaram participar nas entrevistas, tendo em comum serem profissionais de educação e exercerem a sua função em contexto de Educação Pré-Escolar.

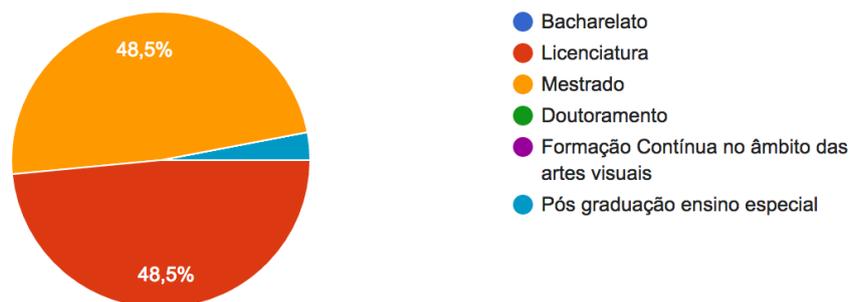
Tabela 1 – Características socioprofissionais das educadoras de infância do contexto de Educação Pré-Escolar

Idade	Anos de Serviço	Formação
39 anos	12 anos de serviço	Licenciatura em educação de Infância Pós graduada em Educação Especial.
41 anos	9 anos de serviço	Licenciatura em Educação de Infância.
38 anos	16 anos de serviço	Licenciatura em Educação de Infância
45 anos	21 anos de serviço	Licenciatura em Educação de Infância

Em valência de Creche, o questionário realizado contou com a participação das educadoras de Creche da instituição e educadoras de infância em contexto de creche da área do Porto que se disponibilizaram a preencher o questionário construído pela estagiária. Ao todo foram 33 os inquiridos (todos do sexo feminino) tendo sido esta a

amostra possível para a análise de dados. No que diz respeito à faixa etária (maioritariamente acima dos 30 anos de idade), destacam-se 11 entre os 25 e os 30 anos, 16 entre a faixa dos 31 e 40 anos e 6 acima dos 40 anos, perfazendo uma média de 34 anos. Quanto às habilitações literárias, 16 dos inquiridos são licenciadas outras 16 possuem o Mestrado e apenas uma possui uma Pós graduação em Ensino Especial.

Gráfico 1 – Habilitações Literárias das educadoras de infância do contexto de Creche



2.3 Instrumentos, técnicas de recolha e tratamento de informação

Com vista à elaboração deste relatório, a opção metodológica escolhida é de carácter misto (qualitativo e quantitativo), alicerçada pela realização de entrevistas, registos de observação, instrumentos de avaliação e questionário. Optou-se por uma investigação mista pois considerou-se ser a mais adequada à natureza da investigação. Numa investigação qualitativa os dados recolhidos são ricos em pormenores mais descritivos e as questões a investigar são criadas com o objetivo de investigar os “fenómenos” no seu contexto natural, no sentido de compreender e encontrar significados através de narrativas verbais e observações. Segundo Bell (2004, pp. 19-20), os “investigadores quantitativos recolhem os factos e estudam a relação entre eles” (...) “contudo, há momentos em que os investigadores qualitativos recorrem a técnicas quantitativas, e vice-versa”. Com base na revisão bibliográfica, a técnica de entrevista semi diretiva foi considerada a mais adequada, uma vez que se pretendeu colocar questões abertas, estando articuladas de forma a obter a maior informação possível e possibilitar uma melhor exploração do tema da investigação segundo a perspectiva das profissionais de Educação. A justificação para este primeiro instrumento decorreu dos próprios objetivos do estudo, ou seja, pretendeu-se recolher informação que, numa posterior análise, permitisse interpretar as conceções subjacentes tanto ao discurso das educadoras quanto à temática em estudo. Tentou-se privilegiar a proximidade de relação

em detrimento da formalidade, dando abertura suficiente para que cada educadora manifestasse as suas percepções e conceções sobre a temática em questão. A entrevista continha 12 perguntas que posteriormente foram analisadas segundo as seguintes categorias: Técnicas e Estratégias; Organização do Espaço e Recursos; Planificação das Atividades; Produção e Representação Criativa das aprendizagens; Postura do adulto perante as criações plásticas; Interação; Adequação do espaço à faixa etária e Aspectos a melhorar na área de expressão plástica. No que concerne às grelhas, este instrumento¹ teve como função primária potenciar a análise específica da qualidade do ambiente educativo no subdomínio das Artes Visuais em contexto Pré-Escolar, constituindo-se como um meio de avaliação da qualidade educativa e oportunidades de aprendizagem e que comportaram: o espaço e materiais; o tempo; a interação e a planificação das atividades e projetos. Mediante o preenchimento do Instrumento de avaliação por parte das Educadoras de J.I., foi possível perceber de forma mais concreta como estas avaliam as seguintes dimensões: espaço e materiais; Tempo; Interação e Planificação das atividades e projetos no que diz respeito apenas à interação. A seleção das dimensões correspondentes à realização das entrevistas e instrumento de avaliação foram de encontro às categorias que se gostariam de ver exploradas de forma a preencher todos aspetos que englobam a temática e objetivos propostos.

Foram ainda realizados registos de observação no que diz respeito à interação Adulto/Criança uma vez que, como refere Máximo-Esteves (2008, p.87), esta observação “permite o conhecimento directo dos fenómenos tal como eles acontecem num determinado contexto”. Neste estudo privilegiaram-se os registos de observação, com o objetivo de registar “a prática” pedagógica sob a forma de interação entre adulto e criança nos momentos em que se realizaram as atividades artísticas de carácter plástico. Estes registos possibilitaram uma melhor compreensão da atitude do adulto perante a criação plástica das crianças em contexto de sala.

Por fim em valência de Creche a recolha de dados só foi possível através da elaboração de um inquérito por questionário. Tendo em conta o curto período em que decorreu a PES em Creche e o contexto de sala a recolha de dados foi dificultada pelo

¹ Adaptado de Silva, B. (2011). Analisis de la expresion plastica en la Educacion Infantil: Puestas de intervencion curricular. Tese de doutoramento. Jaén: Universidad de Jaén.

fator “tempo” e o grupo de crianças o que não permitiu registar a interação entre adulto/criança em situações educativas nem tão pouco foi possível aplicar na prática o instrumento de avaliação previamente utilizado durante a PES em contexto de Jardim de Infância dada à inexistência de uma área ou atividades de carácter plástico observadas na sala de 1 ano.

Face aos constrangimentos expostos, a estratégia encontrada para contornar esta situação passou pela opção de reestruturar a entrevista previamente elaborada e adaptá-la em formato de questionário a profissionais de educação a exercer em contexto de Creche, contactando assim o maior número possível de elementos do público-alvo tendo em conta as características em comum que estão na base da amostragem. O questionário foi elaborado com 15 perguntas e caracterizado por questões de múltipla escolha, escalas de avaliação e resposta curta de forma a organizar mais coerentemente a recolha de dados e poder confrontá-los com a realidade do contexto Pré-Escolar. O recurso à elaboração deste instrumento, tal como qualquer outra modalidade de investigação, apresentou virtudes e constrangimentos, porém considerou-se a opção mais viável. A possibilidade de auscultar um número mais significativo de indivíduos, acompanhada pela possibilidade de quantificar os dados obtidos e, conseqüentemente, proceder à sua análise, contribuíram para a escolha desta opção metodológica. A análise de dados permitiu avançar para a interpretação dos factos, o estabelecimento de relações, esperadas ou não esperadas, e para a confirmação/revisão das hipóteses. A escolha desta opção metodológica não passa por assegurar a representatividade absoluta mas sim adequar de forma mais fidedigna a amostra aos objetivos estabelecidos.

2.4 Cronograma de Investigação

Este percurso investigativo decorreu em duas etapas: uma primeira etapa relativa à investigação efetuada em contexto de Jardim de Infância e posteriormente, uma segunda etapa referente ao contexto de Creche. De seguida, elencamos todas as fases da investigação que teve início em Outubro de 2016/2017 e posteriormente entre Outubro de 2018 e Fevereiro de 2019.

Outubro	Escolha da temática de investigação; Elaboração da pergunta de partida para a investigação;
Novembro	Recolha e análise da bibliografia essencial para a investigação; Seleção das técnicas e instrumentos de recolha de dados;
Fevereiro	Recolha e análise da bibliografia essencial para a investigação; Elaboração do guião da entrevista; Elaboração do relatório preliminar
Março	Adaptação de Instrumento de Avaliação de Silva, B. (2011) à realidade do contexto de investigação; Realização da entrevista às educadoras e educadora cooperante
Abril	Análise dos resultados obtidos; Elaboração de registos de observação
Junho	Revisão do relatório preliminar
Outubro	Primeiro contacto com o grupo de investigação de creche
Dezembro	Finalização de análise de resultados Análise de bibliografia referente ao trabalho em contexto de Jardim de Infância e recolha de bibliografia para a investigação em contexto creche
Janeiro	Elaboração de questionários Recolha e análise da bibliografia essencial para a investigação;
Setembro	Entrega da versão final do relatório de investigação.

CAPÍTULO III – ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

3. Apresentação e análise de dados

Após a justificação das opções metodológicas assumidas nesta investigação, nesta parte do relatório será feita a apresentação e discussão dos dados obtidos ao longo do processo, tendo em conta as entrevistas realizadas, o instrumento de avaliação, registos de observação efetuados e questionário.

3.1 Análise das Entrevistas – Educadoras de J.I

No contexto de investigação em J.I., foi essencial perceber as concepções, não só da educadora cooperante como das restantes educadoras da instituição no que diz respeito não só às artes visuais/criação plástica como à sua postura em relação à forma como proporcionam, estimulam e organizam o tempo e o espaço dedicado a este subdomínio.

No que diz respeito à categoria “técnicas e estratégias” a que o adulto recorre nas atividades artísticas as entrevistadas enumeraram diferentes técnicas o que comprova a importância que dão à diversidade de oportunidades de aprendizagem ao nível plástico, “Pintura com várias técnicas...pincel, esponja, carimbos, sopro, a técnica do berlinde...a estampagem, a colagem...a técnica tridimensional com material reciclado (...)” (Ent. 3). No entanto o desenho, pintura e modelagem aparentam ser as técnicas a que mais recorrem nas atividades plásticas: “Colagem, pintura, desenho (...) a modelagem” (Ent. 4); “A colagem, a modelagem, pintura com guache (...)” (Ent. 2).

Importante salientar a perspetiva de Lopes (2011) que destaca a importância de “usar as práticas, meios e técnicas da produção artística para enriquecer as estratégias pedagógicas estimulando, ao mesmo tempo, a própria educação artística e o interesse das crianças pela arte e as suas diversas expressões (p. 14). No que concerne à análise da categoria dos recursos artísticos (mais especificamente relacionados com a fruição e contemplação) a que o adulto recorre para estimular a apreciação artística/criação plástica, podemos concluir que estas não recorrem a uma grande diversidade de recursos, sendo a fotografia e as imagens (pesquisadas na internet) os recursos mais utilizados. Apenas uma das entrevistadas refere: “Através da visualização de imagens (...) já mostrei obras de arte” (Ent. 3), porém não especificando como utilizou esse

recurso. O recurso à imagem aparenta ser uma estratégia muito utilizada no sentido de estimular a apreciação artística, o que nos remete para a perspectiva de Hernández (2000), de que,

“a aprendizagem artística na utilização de estratégias intelectuais como a análise, a inferência, as formas de compreensão e interpretação, não só potencia a habilidade manual como (...) “desenvolve os sentidos ou expande sua mente, mas também, e sobretudo, delinea e fortalece sua identidade em relação às capacidades de discernir, valorizar, interpretar, compreender, representar, imaginar o que o rodeia e a si mesmo” (Hernández, 2000, p. 42).

Desta forma os recursos artísticos a que o adulto recorre favorecem e fortalecem a apreciação artística mas também a produção e vice versa, estando intrinsecamente ligadas. Como nos diz Ana Mae Barbosa (2008), “A produção de arte faz a criança pensar inteligentemente acerca da criação de imagens visuais, mas somente a produção não é suficiente para a leitura (...) temos que alfabetizar para a leitura da imagem.” (p. 34).

Estas perspectivas vão ao encontro de Cunha (2007) que defende o sentido das imagens provirem dos diálogos criados entre elas e as pessoas, permitindo variadas reflexões e trabalhando a própria imaginação. É portanto essencial referir a importância da forma como se trabalha a “imagem” e com que sentido e significado, o que nos remete para a categoria seguinte e que diz respeito à organização do espaço no sentido de perceber se existem catálogos/imagens a que as educadoras recorrem para proporcionar experiências artísticas de apreciação e apoiar a criação artística. Se por um lado todas responderam que sim, parece pertinente referir que as respostas não permitem realmente constatar o nível da qualidade dos mesmos, já que as entrevistadas apontam os ‘livros de ilustrações’ e ‘jornais e revistas’ (Ent. 1-Ent. 2) e apenas uma destaca “revistas de divulgação cultural” e outra um “catálogo de imagens” criado para a sala, revelando aqui uma maior preocupação na construção de um ‘recurso’ a que as crianças podem aceder e consultar de forma a proporcionar experiências artísticas de apreciação e apoio à produção plástica.

Quando questionadas sobre a organização do espaço relacionado com a exposição dos trabalhos existe um maior consenso na importância da exposição dos trabalhos em sala de aula. Todas destacam a existência de quadros ou paredes nas quais os trabalhos bidimensionais são expostos e, na sua maioria geridos pelo adulto e pelas crianças: “uma área é das crianças e são elas que fazem a gestão do espaço e outra é

‘minha’ onde eu exponho as criações (...) orientadas por mim e dentro da temática do projeto” (Ent. 2). Apenas uma entrevistada referiu a frequência com que geria o espaço: “um quadro de trabalhos que se vai colocando, mas não mudo diariamente. Outro espaço para as pinturas com guache que mudo diariamente” (Ent.1). A exposição dos trabalhos em contexto de sala contribuem para a ‘vivência’ do espaço, por parte de todos os envolvidos e oferecem documentação sobre as atividades das mesmas mas também do seu potencial tornando “as crianças conscientes da consideração que os adultos têm por seus trabalhos” (Edwards, Gandini, Forman, 1999, p. 156).

Mencionando agora a categoria que diz respeito à existência (ou inexistência) de um espaço no qual as crianças podem colocar os trabalhos inacabados, se por um lado todas as entrevistadas referem existir um espaço específico este caracteriza-se apenas pela ‘pasta’ ou ‘capa individual’ das crianças, na qual podem colocar os seus trabalhos (acabados ou inacabados) sendo que apenas uma destaca a existência de um espaço diferente na sala para os trabalhos inacabados: “os trabalhos não concluídos vão para um móvel ao qual as crianças têm acesso para poderem terminar mais tarde.” (Ent. 1). Por sua vez na análise da categoria que remete para a planificação de atividades culturais com intenção de promover o conhecimento e a apreciação artística revela-se pertinente destacar a raridade com que estas ocorrem, duas das entrevistadas mencionam que quase nunca ou raramente se realizam: “Raramente, apenas se o projeto estiver de acordo com este tema ou então alguma visita que esteja relacionada com o projeto de sala.” (Ent. 1). No entanto uma das entrevistadas referiu já terem feito “alguns passeios mais a nível cultural...espetáculos ou teatros.” (Ent. 4).

Esta constatação remete-nos para a importância que o papel da Educação artística tem na formação integral de um indivíduo, particularmente relevante na fase Pré-Escolar. Ora se não são criadas as oportunidades para a sensibilidade e apreciação artística, como uma estratégia mobilizadora de aprendizagem, não estamos a criar oportunidades para (...) “potencializar a criatividade e a imaginação (...) e a troca de conhecimentos.” (Associação de Professores de Expressão e Comunicação Visual, 2010, p. 134).

Não é demais destacar Leão (2003) que defende que conhecer arte “possibilita o entendimento que arte se dá num contexto, tempo e espaço onde se situam (...)” e que “apreciar arte desenvolve a habilidade de ver e descobrir as qualidades da obra de arte do mundo visual que cerca o apreciador” e que por consequência, “fazer arte desenvolve a criação de imagens expressivas” (...) “experimentando os recursos da linguagem, as

técnicas existentes e a invenção de outras” (Leão, 2003, p. 55). Deste modo, ao não oferecer momentos para que as crianças usufruam da apreciação artística em seu contexto mais formal, não estamos obviamente a proporcionar oportunidades para o conhecimento nem para o estímulo da criação plástica.

No que concerne a categoria ‘registro/representação plástica’ dos saberes, experiências e aprendizagens por parte das crianças, as entrevistadas referem ser frequente o ‘desenho e a pintura’ como documentação das mesmas e mais direcionados para as aprendizagens realizadas sobre o projeto: “É frequente registarem através do desenho o que aprenderam” (Ent. 2); “Registam através do desenho, por exemplo das histórias que ouvem ou do que vamos aprendendo sobre o projeto” (Ent. 3). Neste sentido nada como a diversidade das criações plásticas para mediar e organizar a abordagem à própria aprendizagem.

Nas categorias que dizem respeito à postura e atitude do adulto e o modo como este apoia as criações plásticas (livres e/ou orientadas) as entrevistadas destacam a importância de “orientar” a criança e facultar “os materiais necessários a essas produções” (Ent. 1), o estímulo do “diálogo e a troca de ideias” (Ent. 2) “tentando sempre estimular uma atitude crítica em relação ao trabalho que fizeram” (Ent. 3) e o elogio perante a criação plástica, como diz uma das entrevistadas: “mais tarde exponho os trabalhos de forma a que as crianças sintam que os seus trabalhos foram valorizados pelo adulto.” (Ent. 4). Esta postura revela uma atitude pró ativa das educadoras no sentido de encorajar e valorizar, seja através do *feedback* oral ou do que faz posteriormente com as produções das crianças, como por exemplo a exposição dos seus trabalhos. Nesta ótica, Edwards, Gandini & Forman (1999), acrescentam que o educador deve apoiar “oferecendo auxílio, recursos e estratégias” encorajando as crianças que devem ser “validadas por seus esforços”. Nesta sequência de ideias, as OCEPE ainda destacam que o/a educador/a deve dialogar “com as crianças durante a realização dos seus trabalhos, procurando perceber as suas opções e ajudando-as a concretizar e a melhorar o que pretendem fazer”, e ainda expondo “os trabalhos das crianças e envolvendo-as na sua escolha e na definição de critérios estéticos da sua apresentação” (Lopes da Silva, Marques, Mata e Rosa, 2016, p. 55).

O diálogo e estímulo que provém da interação entre adulto criança é essencial para que a criança se sinta valorizada, por outro lado, como salienta uma das entrevistadas, é “importante estimular uma atitude crítica em relação ao trabalho que fizeram” (Ent. 2) e dizer-lhes “o que poderiam melhorar” (Ent. 4). O objetivo do

educador não deverá ser tanto “facilitar” a aprendizagem no sentido de o tornar “fácil ou leve”, mas sim estimular tornando os problemas mais complexos, envolventes e excitantes.” (Edwards, Gandini, Forman, 1999, p. 164). Finalmente, quanto à última questão que diz respeito à consideração dos aspetos a melhorar na área da expressão plástica da sala, todas as educadoras destacam em comum a limitação do espaço para otimizar e enriquecer as criações plásticas, mais especificamente no que concerne a inexistência de cavaletes, de materiais mais diversificados e espaço para expor todos os trabalhos: “só temos um (...) é raro as crianças pintarem no cavalete.” (Ent.1); “Se tivesse mais espaço teria mais materiais e mais espaço para expor os trabalhos” (Ent.2); “se tivesse que mudar alguma coisa talvez fosse ter mais espaço e cavaletes (...)” (Ent.4). Constata-se que as educadoras consideram que o espaço (ou falta dele) determina o tipo de oportunidades de aprendizagens. O ambiente em sala deve ser visto como algo que educa a criança, na verdade, ele é considerado o terceiro educador, “a fim de agir como um educador da criança, o ambiente precisa ser flexível (...) a fim de permanecer sensível às suas necessidades.” (Edwards, Gandini, Forman, 1999, p. 157). Nesta perspetiva é possível afirmar que os materiais, espaço e disposição do mesmo, são elementos que condicionam e são condicionados pelas ações dos indivíduos que agem nelas. Seguindo este pensamento, as OCEPE (2016) alertam os educadores de infância de que “a organização do espaço e dos materiais da sala, a sua diversidade, qualidade e acessibilidade são (...) determinantes para as oportunidades de exploração e criação das crianças no domínio da educação artística.” (Lopes da Silva, Marques, Mata e Rosa, 2016, p. 52).

3.2 Análise do Instrumento de Avaliação do Ambiente Educativo

Um dos instrumentos utilizados para a recolha de dados foi uma grelha de avaliação de qualidade educativa no subdomínio das artes visuais (adaptado de Silva, 2011). Este instrumento foi de grande auxílio e enriquecimento para esta investigação, no sentido de analisar a qualidade das práticas educativas na tentativa de compreender a possibilidade de oportunidades de aprendizagens no domínio de expressão plástica, as interações entre adulto/criança e a forma de planificação das atividades. O instrumento possui 65 tópicos a ser classificados segundo 3 níveis: A – Item cumprido, B – Item quase cumprido/necessita de melhorias, C – Item não cumprido / situação não realizada.

Estes itens encontram-se distribuídos por 4 categorias: Espaço e Materiais, Tempo, Interação e Planificação das atividades/projetos.

Tabela 2 – Categorias de análise do Instrumento de Avaliação

Categorias	Itens
1. Espaço e Materiais	Relacionado com o espaço destinado às atividades de expressão plástica; a organização do espaço; materiais para as diferentes atividades e criação plásticas; variedade e diversidade de recursos e materiais.
2. Tempo	Relacionado com o tempo destinado às atividades de expressão plástica; o tempo previsto para a conclusão dos trabalhos inacabados; os momentos de diálogo/revisão dos trabalhos.
3. Interação	Relacionados com o apoio no processo de trabalho individual de cada criança; a promoção de situações de diferentes técnicas; situações de experimentação e exploração; promoção de situações que promovam a reflexão; interação entre os pares; atitude do adulto perante a produção plástica;
4. Planificação atividades/pr objetos	Relacionados com: a planificação de atividades promotoras do desenvolvimento de vocabulário relacionado com as artes; capacidades perceptivas, manipulativas para a observação da natureza, obras artísticas, fotografias, reproduções artísticas; oportunidades para o conhecimento do património artístico e cultural (regional, nacional, internacional, histórico e contemporâneo); planificação de atividades de criação plástica baseadas no trabalho de projeto; atividades livres; planificação de momentos de apreciação artística cultural/popular e diferentes técnicas para registar aprendizagens realizadas.

	Espaço e Materiais	Tempo	Interação	Planificação de atividades/projetos
total	34	3	11	17

Na análise dos dados teve-se em conta o somatório dos níveis de pontuação, resultando da seguinte forma para cada nível (Ax20, Bx10, Cx0). A soma do resultado dos três é numa seguinte fase dividida pelo número de itens de cada categoria. (34, 3, 11, 17). Por fim somam-se os resultados de cada categoria e divide-se por 4 (o número de dimensões: Espaço e materiais, tempo, interação e planificação de atividades/projetos), por fim descobrimos a média. Os resultados obtidos foram os seguintes:

Tabela 3 – Resultados da análise das categorias do Instrumento de Avaliação

	Sala 1	Sala 2	Sala 3	Sala 4
Espaço e Materiais	15,8	15	16,2	16,2

Tempo	16,6	10	16,6	10
Interação	17,2	18,2	18,2	27,3
Planificação de atividades e projetos	13,5	15,3	15,3	14,7
Total	15,7	15,7	16,6	17,2

Através dos dados recolhidos podemos observar que nos resultados da avaliação das quatro salas, não existem diferenças muito significativas, sendo o resultado da sala 4 o mais alto, destacando-se mais perto da “excelência” na qualidade educativa no que diz respeito às dimensões do espaço e materiais e na interação.

3.3 Análise dos Registos de Observação – Interações

No sentido de compreender a atitude do adulto perante a criação plástica da criança foi essencial recolher dados que registassem o tipo de interação que ocorre durante e após as atividades de criação plástica realizadas em contexto de sala, para assim compreender melhor a sua postura e comprovar ou não se existe de facto uma atitude pró ativa e estimuladora por parte do adulto neste processo de criação plástica. A observação direta em contexto das situações educativas assumiu as seguintes características: participante, porque na contextualização do estudo, a estagiária exerceu também funções pedagógicas; intencional, na medida em que os objectivos foram traçados previamente e “natural”, pois, consciente do incómodo que estas situações de observação podem suscitar, procurou não ser intrusiva na recolha dos dados, tentando também evidenciar uma postura de aprendizagem e conhecimento do contexto observado sem ter a intenção de diminuir o valor do desempenho das crianças observadas. O conhecimento prévio do contexto e do grupo foi também importante na adequação da postura da estagiária, de forma a minimizar o efeito da observação nos comportamentos do grupo. Os dados observados foram registados e datados, de forma a permitir compreender, numa fase posterior, por um lado, a coerência ou não entre as concepções da postura do educador e as práticas observadas.

Pôde-se analisar que, das 9 observações registadas com *feedback* dado pelo adulto, 5 aconteceram após a iniciativa da criança mostrar o seu trabalho ao adulto e os restantes 4 por iniciativa própria do adulto. 4 dos 9 dos registos foram observados durante a atividade, sendo que apenas se regista uma situação em que a criança mostra o seu trabalho após a finalização do mesmo mas não existe de facto registo de *feedback* por parte do adulto. Em todos os casos, os comentários foram de *feedback* positivo, reforço e estímulo pelo que a criança se encontrava a criar, realçando os progressos como: (Reg. de Obs.1) “Muito bem (...) Já desenhavas muito melhor do que desenhavas antes, não achas?” ou elogiando e procurando apoiar a criação (Reg. de Obs. 9) “podemos fazer muita coisa com plasticina, queres que te ajude?”.

Já os registos observados cujo *feedback* parte do adulto, estes revelam também o seu interesse em reforçar o estímulo da criação (Reg. de Obs.4) “(...) quando acabares queres mostrar-me o que estás a desenhar? Estou a gostar de ver (...)” e a sua valorização ao propor a exposição da criação na sala (Reg. de Obs.5) “Gosto muito do teu registo da Quinta (...) desenhaste muito bem (...) ficou muito giro! Queres expor o teu trabalho na parede?”. Registou-se também um reforço positivo por parte da Educadora no sentido de apoiar a criação oferecendo a oportunidade e estimulando a criança a utilizar um material diferente, (Reg. de Obs.7), “Estás a pintar muito bem (...) não queres experimentar os lápis de cera? Podes usar os dois no teu trabalho” e noutro caso ainda o elogio à forma como a criança pegava no pincel, (Reg. De Obs. 2) “Pegaste muito bem no pincel e pintaste muito bem o porco”. Apesar de serem mais os registos cuja iniciativa partiu da criança para mostrar a sua criação e procurar o comentário ou *feedback* do adulto, estes caracterizam-se sempre por um estímulo por parte do adulto à criação, reforçando positivamente os seus esforços, realçando progressos, e apoiando-as durante ou após o processo criativo.

É importante salientar que o educador tem um papel fundamental na forma como estimula e potencia oportunidades de expressão da criança. Se a expressão e criação plástica é uma de muitas linguagens da criança, estas podem e devem ser exploradas por elas e entre elas e o adulto. O reforço positivo, o *feedback* e a interação entre adulto e criança durante este processo é por si só um diálogo afetivo e a criatividade também “emerge a partir da experiência diária (...)” sendo “(...) mais visível quando os adultos tentam ser mais atentos aos processos cognitivos das crianças do que aos resultados que elas conquistam nos vários níveis do fazer e do entender.” (Edwards, Gandini, Forman, 1999, p. 87).

3.4 Análise dos Questionários – Educadores de Creche

No que concerne a análise de dados referentes ao inquérito por questionário e como já referido anteriormente a amostra recolhida foi de 33 inquiridos, profissionais de Educação em valência de creche. Neste sentido, procurou-se perceber as suas percepções dos profissionais em relação às atividades de carácter artístico, nomeadamente a criação plástica e como possibilitam e estimulam as experiências plásticas das crianças desta faixa etária.

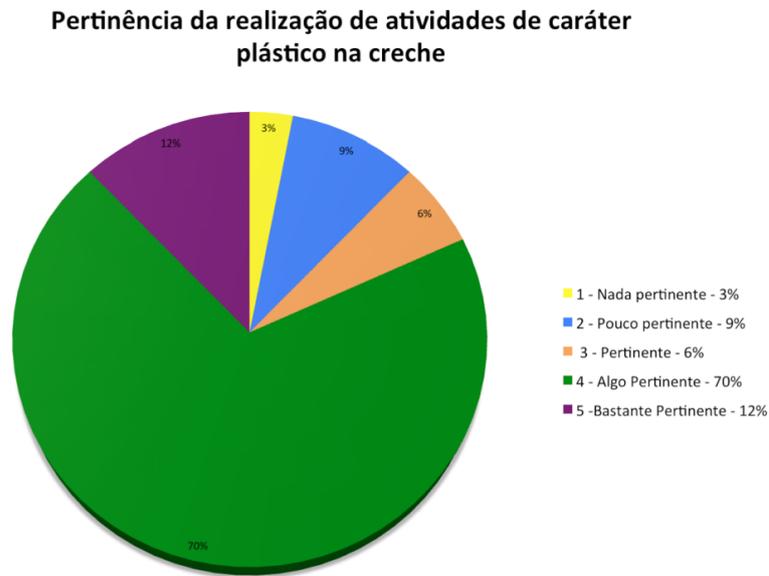
No que diz respeito às questões colocadas à amostra recolhida, além da idade e habilitações já referenciadas na caracterização dos participantes deste estudo, foi colocada a questão referente à faixa etária com que trabalham em creche. 49% (16) dos inquiridos refere que exerce a sua função numa sala de 1 anos, 33% (11) com um grupo de 1 ano e 18% (6) em berçário.

Gráfico 2 – Faixa etária do grupo de crianças com que os inquiridos trabalham



Quando questionados acerca da pertinência da realização de atividades plásticas numa escala de variação entre Nada Pertinente e Bastante Pertinente, pôde-se verificar que das 33 respostas, 70% (correspondente a 23 inquiridos) considera ser algo pertinente a realização de atividades de carácter plástico, porém apenas 12% (4 dos inquiridos) considera ser bastante pertinente, observando-se muito perto desta percentagem um total de 9% (3 inquiridos) considerar pouco pertinente a realização de atividades no âmbito das artes visuais.

Gráfico 3 – Pertinência da realização de atividades plásticas na creche



A seguinte pergunta do questionário referia-se à frequência com que os profissionais de Educação em contexto de creche realizam (ou não) atividades de caráter plástico. Numa escala de 1 a 5, em que 1 corresponde a “Raramente” e 5 “Com bastante frequência”, 52% (perfazendo a maioria dos inquiridos), responderam com pouca frequência. No entanto, 42% referem realizar atividades plásticas com frequência seguidos de 6% com alguma frequência.

Gráfico 4 – Frequência das atividades plásticas



No que concerne a questão: ‘Que tipo de atividades plásticas realiza com o seu grupo de creche?’ foi possível verificar que o tipo de atividades não são muito

diversificadas. Na sua totalidade os inquiridos responderam a pintura como a técnica mais utilizada em contexto de creche, no entanto, apenas 10 dos inquiridos destacam a modelagem como o segundo tipo de atividade e 1 a estampagem. Apenas 5 da totalidade da amostra refere três tipos de atividades realizadas destacando-se a estampagem e o desenho. Esta era uma pergunta de resposta múltipla no entanto verificam-se que apenas 4 da totalidade dos 33 inquiridos revelam maior diversidade nas suas técnicas englobando também a criação tridimensional como uma técnica utilizada em contexto de sala de creche.

Para melhor compreender a atitude dos profissionais de educação a exercer a sua função em creche no que diz respeito ao tipo de atividades que realiza com o seu grupo, a seguinte pergunta permite-nos perceber que aqui se confrontam dois tipos de percepções divergentes em relação à sua postura no que diz respeito às atividades plásticas. Numa escala de 1 a 5 em que 1 corresponde a “Nunca” e 5 a “Sempre” a maioria, perfazendo um total de 46% (correspondentes a 15) refere diversificar com frequência as atividades plásticas, porém 42% (correspondentes 14) revelam raramente diversificar as atividades que propõem, sendo que 12% (4 dos inquiridos) às vezes.

Gráfico 5 - Diversidade das atividades em creche



Ao contrário do que se pôde observar em contexto de estágio em J.I., cuja frequência é diária (e constante) e o tipo de atividades é diversificada, na creche destaca-se grande disparidade, ao ponto de se verificar que é rara a frequência e a diversidade de atividades plásticas realizadas. Este aspeto colocou algumas hipóteses e

questões sobre outros fatores que poderiam estar na base desta percentagem que a amostra relevou e que se tentou analisar posteriormente.

À questão que dizia respeito à forma como as atividades plásticas são realizadas, 69,7% dos inquiridos revelam que estas são maioritariamente individualizadas, sendo que apenas 30,3% referem realizá-las em pequeno grupo, não se verificando de facto nenhuma atividade realizada em grande grupo. Este fator deve-se possivelmente ao apoio que têm que dar a esta faixa etária pois concretamente não são tão autónomos com as crianças em contexto de J.I. e neste caso a atenção e tempo disponibilizado pelo adulto requer que este apoie com mais cuidado, atenção individualizada cada criança do grupo.

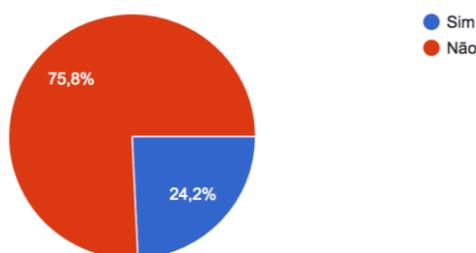
A pergunta seguinte do questionário remete-nos para as oportunidades de fruição ou contemplação que o adulto proporciona para estimular experiências artísticas. Quando questionados se “Na sala existem catálogos/imagens a que recorre para estimular experiências artísticas e apoiar a criação artística? Se sim de que tipo?”, os inquiridos referem na sua maioria que existem ‘imagens’, ‘fotografias’ expostas nas paredes e alguns livros que as crianças podem consultar ou são utilizados pelo adulto para estimular a imaginação ou criatividade. Algumas das respostas revelam que estas também dependem do que pretendem trabalhar num específico momento e variam conforme a temática, como podemos comprovar pela resposta de um dos inquiridos: “Existem imagens que vamos colocando na sala dependendo do que trabalhamos (...)” (Inq. 3). Uma outra resposta refere também (Inq. 8) que “existem fotografias, elementos ou imagens de natureza, alguns livros de ilustração mais artísticos”. Verifica-se na sua maioria que na realidade os catálogos são inexistentes, mas o recurso à exposição de imagens, fotografias ou utilização das ilustrações são de facto a forma mais recorrente para proporcionar experiências artísticas de apreciação e apoio à criação plástica.

Confrontando os dados recolhidos em J.I. com os dados recolhidos em creche assume-se aqui a necessidade de destacar o que as OCEPE referem como a necessidade de proporcionar uma diversidade de oportunidades para a sensibilidade artística “a capacidade de criar e apreciar é ainda alargada através do contacto e observação de diferentes modalidades das artes visuais (pintura, escultura, fotografia, cartaz, banda desenhada, filme etc.) em diferentes contextos (...)” (Lopes da Silva, Marques, Mata e Rosa, 2016, p. 54). Ora se estas são aprendizagens a promover na criança importa também que se pense em contexto de Creche como melhor adaptar e utilizá-las, de

modo a que “sejam um meio de alargamento e enriquecimento cultural e de desenvolvimento da apreciação artística (p. 54). Mesmo que as crianças em Creche ainda não sejam capazes de o fazer, o contacto, tanto com elementos artísticos como com os materiais e a sua exploração são obviamente importantes, quão mais diversificados mais ricas são as experiências. Se de facto esta é uma fase do desenvolvimento da criança que se caracteriza pela fase sensório motora é importante proporcionar oportunidades para que se comecem a explorar materiais artísticos e algumas técnicas que aos poucos se podem introduzir e sem dúvida adequar à faixa etária em questão, sem descurar essa condicionante.

No que concerne ainda o espaço de sala e à forma como o adulto o pensa e organiza em contexto de creche, a 10ª questão procurou perceber se existe um espaço específico para a exposição das criações realizadas pelas crianças e de facto das 33 inquiridos 78,8% (26) refere ter um espaço específico de exposição, sendo que 21,2% (correspondente a 7) revelam não existir um espaço para tal. Perante os dados analisados em contexto de J.I. e pela análise dos dados ao inquérito por questionário podemos aferir que na sua maioria existem realmente espaços pensados para a exposição dos trabalhos realizados pelas crianças.

Gráfico 6 – Adequação do espaço à faixa etária



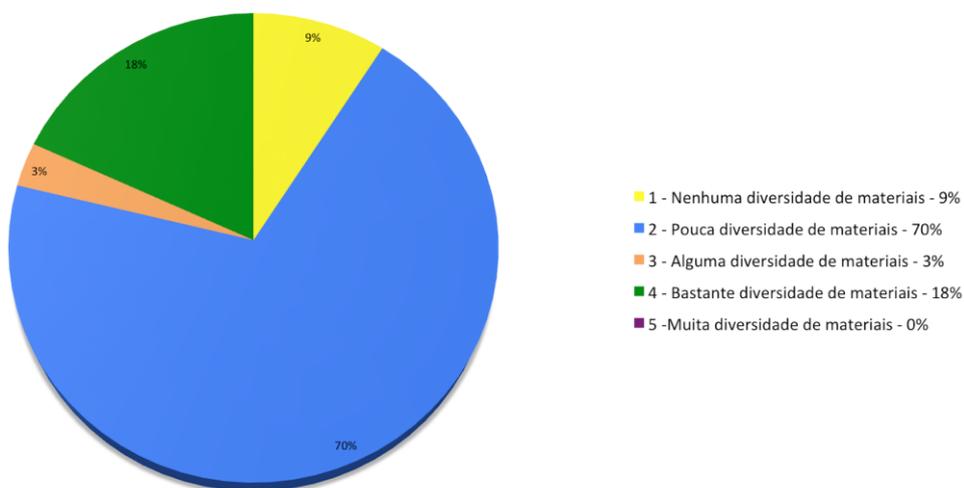
No que diz respeito adequação da área (espaço) onde ocorrem ou poderão ocorrer atividades de carácter plástico/artístico 75,8% dos inquiridos consideram que esta não é de todo adequada ao seu grupo de crianças. Esta análise obriga-nos a questionar, ou levantar hipóteses sobre a relação com a frequência com que realizam atividades plásticas e se este aspeto é influenciado pelo facto de o profissional não considerar a área adequada à faixa etária com que trabalha. Para tal foi necessário compreender as razões pelas quais os educadores responderam na sua maioria que não se adequava sendo que a seguinte pergunta: “Se respondeu não à pergunta anterior, em que

aspectos?”, procurou encontrar as respostas para esta lacuna. Na sua maioria as respostas destacam a falta de materiais e a pouca diversidade dos mesmos, “Pouca diversidade de materiais o que impossibilita à diversidade de experiências ou atividades plásticas” (Inq. 10). Outro inquirido refere também o facto dos materiais não serem adequados à idade. Das 5 respostas que confirmam ser adequado, uma refere que, ainda assim, “adequa-se mas podia ter mais materiais para as atividades plásticas” (Inq. 9). São ainda referidos aspetos que dizem respeito à pouca autonomia da criança e à faixa etária dado que esta “varia no grupo de crianças, o espaço podia ser mais adequado às mais velhinhas (...) porque existem crianças pequeninas não é possível fazê-lo.” (Inq. 1). “O grupo de crianças ainda muito novinho e os materiais ainda não são adequados à fase de crescimento em que se encontram” (Inq.12). Não se adequa dada à idade do grupo, as necessidades são outras e os materiais não são em grande quantidade nem adequados, eles precisam de muita supervisão” (Inq.24).

Quando questionados: “Numa escala de 1 a 5 avalie a diversidade de materiais disponíveis para a realização de atividades plásticas na creche/grupo com que trabalha?”, sendo que um equivalia a nenhuma diversidade de materiais e 5 muita diversidade de materiais, verificou-se pelos dados analisados que 9% (equivalente a 3 inquiridos) considera não haver nenhuma diversidade, 70% (equivalente a 23 dos inquiridos) considera haver pouca diversidade, 3% (1) alguma e 18% (equivalente a apenas 6 inquiridos) bastante diversidade de materiais disponíveis ao seu grupo da creche.

Gráfico 7 – Avaliação da diversidade de materiais disponíveis

Diversidade de materiais disponíveis para a realização de atividades plásticas



Porém não só se verifica que não existe muita diversidade de materiais como também se comprova pelos dados analisados na seguinte pergunta que na sua maioria são considerados inadequados ao grupo de creche com que trabalham. Numa escala entre 1 (inadequados) e 5 (muito adequados), 73% (equivalente a 24) dos inquiridos consideram que os materiais disponíveis são inadequados à faixa etária, apenas 21% (equivalente a 7 inquiridos) consideram adequados e 6% (equivalente a 2 inquiridos) relativamente adequados ao grupo com que trabalha.

Gráfico 8 – Adequação dos materiais disponíveis à faixa etária da Creche



Podemos aqui confrontar os dados recolhidos nas entrevistas realizadas em contexto de J.I. com o questionário realizado a educadores de creche e perceber que também estes profissionais destacam a pouca diversidade de materiais disponíveis. Já os educadores de creche destacam também a sua inadequação o que nos obriga a questionar se estes fatores são um obstáculo à criação artística e à oferta de mais oportunidades para a realização de enriquecedoras atividades plásticas. Como pode assim o profissional pensar o ambiente educativo de forma a promover a exploração, a apreciação e estimular a criação plástica, se não disponibiliza ou não tem possibilidade de oferecer uma maior diversidade de materiais (adequados) “de modo a promover situações que permitam a utilização de diferentes modalidades expressivas” (Lopes da Silva, Marques, Mata e Rosa, 2016, p. 55). Podemos apenas concluir que a riqueza das

suas experiências plásticas dependem também das possibilidades, recursos e materiais que oferecemos às crianças. Como referem Edwards, Gandini, Forman (1999),

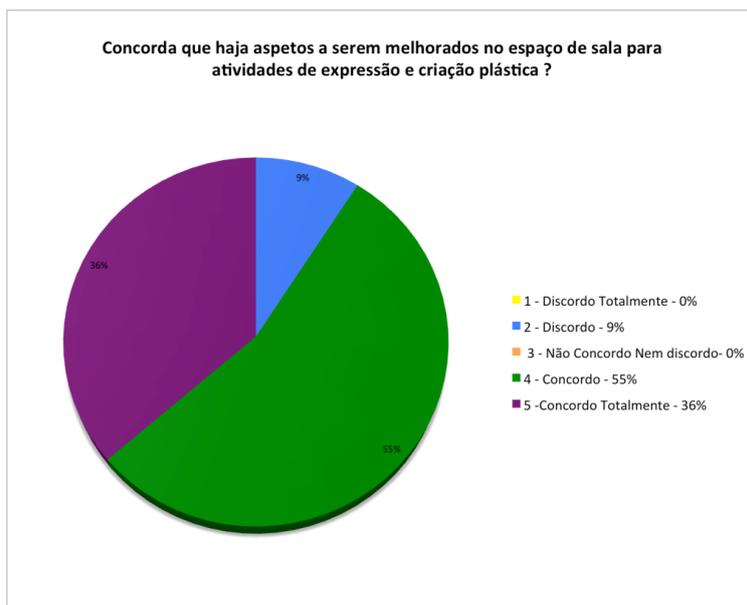
“Além disso, a ampliação da faixa de possibilidades para as crianças também tem consequências para outros. Faz com que os professores sejam mais atentos e conscientes, e torna-os mais capazes de observar e interpretar os gestos e a fala das crianças, portanto, mais sensíveis ao *feedback* oferecido pelas crianças, assumindo maior controle sobre seu próprio *feedback* expressivo (...) e tomando suas intervenções mais pessoais.” (p. 90).

Tal perspectiva remete-nos para a análise das duas perguntas seguintes do questionário, cujo enfoque foi perceber de que modo o adulto apoia as criações plásticas das crianças e se dá ou não *feedback* às mesmas. 67% dos inquiridos responde que ‘Sim’, costuma dar *feedback* à criança, sendo que 33% revelam que o dá “às vezes”. Sendo esta uma pergunta fechada procurou-se com a seguinte pergunta analisar mais concretamente como apoia às suas criações. Na sua maioria todos os inquiridos respondem positivamente destacando que o apoio é dado “ajudando-as, especialmente a realizar as pinturas porque ainda não o conseguem sozinhas” (Inq.4) ou procurando “sempre elogiar, estimular a experiência para que eles possam experimentar os materiais” (Inq.5). Neste sentido os inquiridos parecem estar muito cientes da importância do estímulo e reforço positivo, do apoio essencial do adulto e da necessidade das crianças em contexto de creche explorarem o aspeto lúdico dos materiais, “procurando mostrar como se pode brincar com os materiais, incentivar as crianças a experimentar (...) serem criativas. Nesta faixa etária as crianças precisam muito do apoio do adulto.” (Inq.3), “dando-lhes possibilidade de experimentar o maior numero de materiais possíveis, através do lúdico, da brincadeira e sempre que tentam fazer algo elogio o que fazem” (Inq.20). Destaca-se a sensibilidade dos educadores em aspetos fundamentais nesta faixa etária, o da experimentação, da exploração, do estímulo e menos ao nível da conduta ou o seu nível de desempenho que mais vezes se verifica em contexto de J.I, estando mais focados nas crianças e menos nas suas competências ou capacidades. É exatamente este *feedback*, a comunicação que se estabelece no campo de relacionamento e da afetividade entre adulto e criança (e já referido anteriormente) que “influencia o que as motiva e o que aprendem” (Edwards, Gandini, Forman, 1999, p.77).

Por fim, a última questão procurou perceber se os educadores (numa escala de 1 a 5) discordam ou concordam totalmente se há de facto aspetos a serem melhorados no

espaço dedicado ou pensado para atividades de expressão e criação plástica e sem dúvida que os dados apontam para uma concordância global, todos assumem na escala dos 4 e 5 que concordam existirem aspetos a serem melhorados. 55% (equivalente a 18 inquiridos) concorda, 36% (equivalente a 12) concorda totalmente sendo que apenas 9% (equivalente a 3) discorda que haja aspetos a serem melhorados em contexto de creche.

Gráfico 9 – Aspetos a serem melhorados no espaço de sala



Pelos dados analisados, hipóteses levantadas e razões referidas nas respostas dadas pelos inquiridos nesta amostra, mais do que em contexto de J.I., poderá considerar-se que há um longo caminho ainda a percorrer no que diz respeito à promoção de atividades artísticas, aspetos a serem melhorados e uma notória falta de diversidade e disponibilidade de recursos, na adequação do espaço e materiais para enriquecer as experiências artísticas e potenciar as criações plásticas em creche. Se considerarmos que a creche abrange idades dos 4 aos 36 meses a questão torna-se pertinente pois não se consideram apenas as crianças em idade mais creche.

Desta análise, podemos inferir que os profissionais de educação, consideram a realização de atividades de carácter artístico como pertinentes para o processo de desenvolvimento integral da criança. No entanto, considerando o papel do educador (sendo este o principal motor e responsável por promover a exploração de atividades plásticas e particularmente a criação plástica das crianças), é essencial que este pense o espaço, materiais, tempo e planificação das atividades com o cuidado que lhe é exigido pois é ele que permitirá (ou não) desenvolver a criatividade, promover o conhecimento e

contribuir para o seu desenvolvimento da criança a nível holístico. Deseja-se assim que o educador não considere o processo de criação plástica “levianamente” e na generalidade este modo de expressão um ‘parente pobre’ de todas as outras práticas pedagógicas essenciais na Educação de Infância. Acima de tudo, espera-se que tenha uma atitude pró ativa, recetiva e estimuladora, fazendo em primeiro lugar, parte do processo de descoberta, expressão e criação e procurando, em segundo plano, compreender a sua linguagem artística. Só assim estimulará e encorajará aprendizagem e a própria linguagem criativa e expressiva da criança.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme foi enunciado na introdução a este documento, neste ponto final procurar-se-á refletir sobre os principais propósitos para elaboração deste Relatório de Estágio bem como sobre o processo de Prática de Ensino Supervisionada – o Estágio, tanto em jardim de infância como em contexto de creche. É necessário destacar que ao longo de todo este processo investigativo e de intervenção em PES, a estagiária tentou intervir de forma ativa na planificação, realização e promoção de atividades de caráter artístico, procurando assim efetivamente contribuir para uma maior diversidade de atividades, materiais, técnicas, estratégias e momentos de contemplação, no sentido de colmatar algumas lacunas que foi observando e avaliando no domínio da Educação Artística.

A Educação Artística não se resume à importância que lhe é dada no currículo ou como contributo às aprendizagens das outras áreas curriculares, pois, na sua essência é também um instrumento do pensamento do indivíduo e da sua interação e visão do mundo. Se ela é sem dúvida uma âncora na construção de novos saberes, a sua apreciação e consequente atividade de criação plástica é mais do que tudo uma forma de expressão livre, criativa e natural da criança e como tal deveria ser privilegiada em todos os contextos de ensino. Na “base” da criação da criança, estão aspetos do domínio afetivo e cognitivo, das relações pessoais, na forma como comunica com os outros e com o que a rodeia. Partindo de um interesse pessoal (e natural) e acreditando no pressuposto de que o papel do agente educativo é fundamental neste processo criativo, a temática que se escolheu estudar e investigar neste relatório deu-se início com um trabalho de pesquisa e revisão bibliográfica que contribuiu para a evolução pessoal como profissional da estagiária, fazendo-a não só questionar como refletir sobre a prática e futuras práticas pedagógicas.

O estudo possibilitou um maior aprofundamento do conhecimento em contexto de ação educativa, bem como a identificação de potencialidades e alguns constrangimentos, o que permitiram repensar a qualidade da educação e sua futura intervenção. Só deste modo se poderá melhorar e adequar práticas e dinâmicas no âmbito dos processos de ação e/ou articulação entre os diferentes agentes educativos. É contudo necessário criar condições para uma crescente reflexão entre a teoria e a prática no sentido de contribuir para uma melhoria contínua da ação pedagógica neste âmbito. A presente investigação permitiu que se estudassem as estratégias, dinâmicas, práticas e

postura do agente educativo no sentido de compreender como este valoriza a criação plástica da criança em contexto de Educação de Infância e suscitou o levantamento de outras questões para pensar e implementar estratégias e medidas que possam enriquecer a prática e contexto educativo futuros. De realçar que este trabalho não tem a pretensão de ser conclusivo, mas permitiu fundamentar a ideia de que o papel do educador e a sua postura na intervenção educativa, e mais especificamente na valorização da criação artística, é determinante e que este é sim um agente interativo na promoção do potencial criador da criança. Quer isto dizer, que a estagiária acredita que um educador só faz bem aquilo com que se identifica e em que acredita profundamente tendo em conta as necessidades das crianças na prática pedagógica. Todavia, isto implica que o educador tenha um conhecimento apropriado do que deverá ser a relação dinâmica entre a educação artística e a sua valorização em particular e que seja um autêntico mediador no processo criativo da criança. Contudo, é necessária uma postura pedagógica que permita uma adequação positiva e eficaz das práticas artísticas junto do grupo com que trabalha.

No entanto, ao longo deste processo a estagiária deparou-se com algumas limitações. Sublinhe-se o fator “tempo” na dificuldade em conciliar a PES com o período que exigiu a elaboração desta investigação. Porém os resultados obtidos através deste estudo, levam a considerar que os objetivos propostos inicialmente, foram alcançados tal como foi sendo salientado ao longo da análise de dados. De igual modo, na opinião pessoal da estagiária, os instrumentos de recolha de dados parecem ter sido adequados à realidade vivida em contexto de J.I e creche. A elaboração das entrevistas deu a possibilidade de compreender a perspetiva e conceção pessoal das educadoras no que diz respeito à dinâmica das suas práticas e postura educativas no domínio da Educação Artística, da forma como “vêm” e/ou valorizam e organizam o tempo, o espaço, materiais, planificação e realização de atividades plásticas e como mobilizam recursos e estratégias. Neste sentido, a implementação do Instrumento de avaliação foi, do ponto de vista da estagiária uma mais-valia, por diversas razões, em especial, no que diz respeito ao contexto de sala(s), pois facilitou uma melhor e mais concreta compreensão sobre a realidade vivida em J.I. tendo em conta todos os aspetos anteriormente mencionados e a importância do espaço enquanto mediador da aprendizagem.

Na verdade, o espaço é um terceiro educador, de acordo com Benito (2000) o espaço é “además un mediador cultural en relación com la y formación de los primeros esquemas comportamentales, es decidir, un elemento significativo do curriculum, una

fonte de experiencia y aprendizaje” (p. 184). Por outro lado, os registos de observação direta permitiram uma noção real da interação que ocorre entre adulto e criança no processo de criação plástica e compreender o tipo de dinâmica que acontece entre os dois. Relativamente ao instrumento de recolha de dados em valência de Creche (o inquérito por questionário), o número de inquiridos contactados e que se disponibilizaram a preenchê-lo não foi de todo o esperado ou desejado, mas permitiu recolher a informação necessária para uma análise mais pormenorizada do grau de valorização das atividades de carácter artístico e criação plástica neste contexto e com esta faixa etária. Porém, a brevidade da PES nesta valência bem como o facto do contexto vivido em sala não ter permitido uma recolha efetiva de registos de observação o que fez com que a estagiária reavaliasse as suas opções metodológicas e optasse por um inquérito a educadores exercendo a sua função em creche para que pudesse assim ter uma noção mais “global” das conceções destes profissionais de educação. O recurso a entrevistas individuais seria uma alternativa possível para a recolha de informação adicional mais detalhada sobre o conhecimento, a motivação e a prática, atendendo especialmente à faixa etária de crianças de creche, porém os constrangimentos pessoais, temporais e profissionais que surgiram condicionaram a realização de um estudo mais rico e alargado, no entanto tentou-se contextualizar a pertinência conceitual e operacional dos pressupostos, sob a forma deste instrumento para entender diferentes perspetivas, com questões eficazes sem pretender generalizar os resultados a outros contextos, entendendo-as antes como fontes de enriquecimento do processo de reflexão, transformador da ação educativa futura. De acordo com os resultados deste estudo, embora todas as educadoras pareçam valorizar as atividades artísticas, no subdomínio das artes visuais e apoiar a criação plástica como processo de crescimento e enriquecimento pessoal da criança, as suas perspetivas sobre o espaço, materiais e a própria adequação dos mesmos indicam alguma inconsistência na ação educativa e consequentemente no agir intencional deste processo criativo. As educadoras evidenciam sensibilidade para o reforço e *feedback* positivo, no estabelecimento de relações e interações e aparentam atuar de uma forma que demonstra que acreditam ser a que responde aos interesses e necessidades das crianças. Contudo, dado que a interação pedagógica não se resume apenas à afetividade ou supervisão considera-se que, mesmo que de forma aparentemente inconsciente, revelam nas suas ações menor consistência ao nível do favorecimento do grau de estimulação que proporcionam ao grupo de crianças (nos dois contextos), e este reflete-se também na forma como

proporcionam oportunidades e experiências mais enriquecedoras, como pensam o espaço, tempo e os materiais, encorajam a descoberta e intervêm dinamicamente no espaço de sala.

A criação de momentos de contemplação e fruição artística, a planificação pensada e intencional, a realização de atividades realmente enriquecedoras, uma maior diversidade e exploração de técnicas e materiais de qualidade (adequados às faixas etárias específicas), a promoção de momentos de partilha de sentimentos, opiniões e conhecimento, o *feedback*, a troca de experiências, a reflexão sobre o espaço e tempo dedicado a atividades plásticas e a própria concepção da Educação Artística poderão e deverão marcar a diferença na ação educativa para que se afirme como domínio essencial e potenciador de aprendizagens transversais, realmente significativas e que cada vez mais se deverão adequar eficazmente às necessidades educativas com que a Educação de Infância se depara, marcando a diferença pela qualidade e valorização da ação educativa. Estaremos assim a dar espaço à imaginação, à expressão e manifestação criativa, à curiosidade, à auto estima à participação ativa, ao espírito crítico, proporcionando experiências que serão, na opinião da estagiária marcantes na memória e vida futura da criança. Condicionar este processo, é condicionar o crescimento pessoal e individual de cada criança, do seu imaginário de potenciais aprendizagens e da sua expressão natural.

BIBLIOGRAFIA

- AVGERINOU, M. and Ericson, J. (1997). A review of the concept of Visual Literacy. *British Journal of Educational Technology*, 28(4), 280-291.
- BAMFORD, A. (2003). *The Visual Literacy White Paper*. Uxbridge: Adobe Systems, UK & Australia. Disponível em: http://www.adobe.com/uk/education/pdf/adobe_visual_literacy_paper.pdf Acesso a 2 de Janeiro de 2017.
- BARBOSA, A.M. (1975). *Teoria e Prática da Educação Artística*. São Paulo: Cultrix.
- BARBOSA, A.M. (1999). *Arte-educação: leitura no subsolo*. São Paulo: Editora Cortez.
- BARBOSA, A.M. (2002). *Inquietações E Mudanças No Ensino Da Arte*. São Paulo: Editora Cortez.
- BARBOSA, A.M. (2008). *A imagem no ensino da arte : anos oitenta e novos tempos*. 6.ed. São Paulo: Perspectiva.
- BARBOSA, A.M. (2008). *Arte/Educação Contemporânea: Consonâncias Internacionais*. São Paulo: Cortez.
- BARBOSA, A.M. *Mudanças na Arte /Educação* – Disponível em : <https://texsituras.files.wordpress.com/2010/04/anamae.pdf> Acesso a 4 de Março de 2019.
- BELL, J. (2004). *Como realizar um projecto de investigação*. Lisboa: Gradiva.
- BENITO, A.E. (2000). *Tiempos y Espacios para la Escuela*. Madrid: Biblioteca Nueva.
- CUNHA, A. C. (2007). *Formação de Professores - A investigação por questionário e entrevista: um exemplo prático*. Vila Nova de Famalicão: Editorial Magnólia.
- DAVIS, J. e GARDNER, H. (2002). As artes e a educação de infância: Um retrato cognitivo-desenvolvimental da criança como artista (pp. 427-460). In Bernard Spodek (org.). *Manual de Investigação em Educação de Infância*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Decreto-Lei nº240/2001, de 30 de agosto. Anexo III. Dimensão do desenvolvimento do ensino e da aprendizagem. *Diário da República: I Série – A*. Disponível em : http://www.esramada.pt/esr.media/pdf/professores/legislacao/dl240_2001.pdf Acesso a 17 de Janeiro de 2019

DIAS, C. M. (2012). *Expressão Plástica: Práticas e Dinâmicas em Contexto de Ensino Pré-Escolar e do 1º Ciclo do Ensino Básico*. Ponta Delgada. Disponível em: <https://repositorio.uac.pt/bitstream/10400.3/2279/1/DissertMestradoCarlosManuelAmaralDias2013.pdf> Acesso a 26 de Junho de 2019

EDWARDS, C.; GANDINI, L.; FORMAN, G. (1999). *As cem linguagens da criança: A abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância*. Porto Alegre: Artmed.

FERRAZ, M. & DALMANN, E. (2011). Educação Expressiva – De Aluno ao Expressante. In Marcelli Ferraz (Coord.). *Educação Expressiva. Um Novo Paradigma Educativo*. Lisboa : Tittirév Editorial.

FORMOSINHO, J. (Coord.) (2009). *Formação de Professores: Aprendizagem profissional e acção docente*. Porto: Porto Editora.

FRANSECKY, R. B., & Debes, J. L. (1972). *Visual literacy: A way to learn--a way to teach*. Washington: Association for Educational Communications and Technology.

HERNÁNDEZ, F., (2000). *Cultura Visual, mudança educativa e projeto de trabalho*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul.

HOHMANN, M & WEIKART, D. P. (2003). *Educar a criança*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

LEÃO, R. M. (2003). Apreciação da obra de arte: a proposta triangular. *Revista de Educação CEAP*. Salvador Bahia, Nº43, (p. 55-65).

LOPES, S. B. (2011). *Retratos da Arte na Educação*. Porto: Rés –Livraria, Editora & Cultura.

LOPES DA SILVA, I., MARQUES, L., MATA, L., ROSA, M. (2016). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Departamento da Educação Básica.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (1997). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Núcleo da Educação Pré-Escolar, Departamento da Educação Básica.

PERRENOUD, P. (1993). *Práticas pedagógicas, profissão docente e formação: Perspectivas sociológicas*. Lisboa: Publicações D. Quixote.

RODRIGUES, D. (2002). *A infância da arte e a arte da infância*. Porto: Edições ASA

SAVIANI, D. (2006). *As concepções pedagógicas na história da educação brasileira*.

Campinas: Histedbr. Disponível em:

https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2009/3057_1891.pdf Acesso a 20 de Março de 2019.

SILVA, B., OLIVEIRA, M. (2013). Una Imagen sobre la Educación Artística en la actualidad. *European Review of Artistic Studies*, vol. 4, n. 1.

SILVA, B., PEREIRA, L. & CERQUEIRA, T. (2007). Do Olhar e do Pensar a Arte ao Actor Criador. (pp. 345-348). In Pequito, P. & Pinheiro, A. (2007). *Quem Aprende Mais? Reflexões Sobre A Educação de Infância*. Porto: Gailivro.

SOUSA, A.B. (2003). *Educação pela arte e artes na educação*. Lisboa: Instituto Piaget.

ANEXOS

ANEXO I – ENTREVISTAS E GRELHAS DE ANÁLISE

Categorias	Questão	Dimensões/indicadores	Observações
Técnicas / estratégias	2) No que diz respeito às atividades de expressão plástica a que tipo de técnicas recorre?	Enumera 1 ou 2 (A1) Enumera 3 ou mais (A2) Não enumera (A3)	<p>“Técnicas de estampagem; colagem, bi e tridimensionais, recorte, utilização de materiais reciclados...” (Ent.1) – (A2)</p> <p>“A colagem, a modelagem, pintura com guache, aguarelas...utilização de materiais de desperdício..” (Ent.2) – (A2)</p> <p>“Pintura com várias técnicas...pincel, esponja, carimbos, sopro, a técnica do berlinde...a estampagem, a colagem...a técnica tridimensional com material reciclado...” (Ent.3) – (A2)</p> <p>“Colagem, pintura, desenho (...) a modelagem, digi tinta...” (Ent.4) – (B4)</p>
Organização do Espaço/ recursos artísticos	3) A que tipo de recursos artísticos recorre para estimular a apreciação artística/produção plástica?	Enumera 1 ou 2 (B1) Enumera 3 ou mais (B2) Não enumera B3)	<p>“livros de histórias, imagens das pesquisas na internet...” (Ent.1) – (B1)</p> <p>“Visualização de fotos, obras de arte, imagens...” (Ent.2) – (B1)</p> <p>“Através da visualização de imagens (...) já mostrei obras de arte (...) fazemos também</p>

			pesquisas na internet como forma de pesquisar e mostrar alguns trabalhos artísticos..” (Ent.3) – (B2)
Organização do espaço/recursos para a apreciação e produção artística	4) Na sala existem catálogos/imagens a que recorre para proporcionar experiências artísticas de apreciação e apoiar a criação artística? Quais?	Existe (C1) Não existe (C2)	<p>“Existem as imagens das pesquisas que vamos fazendo, fotografias e livros que vamos consultando.” – (Ent.1) – (C1)</p> <p>“Sim, jornais, revistas de divulgação cultural...” (Ent.2) – (C1)</p> <p>“Jornais, livros com ilustrações diferentes...revistas...(Ent.3) – (C1)</p> <p>“Imagens de pesquisa na internet...livros, temos um catálogo de fotografias que vamos construindo e consultando quando precisamos...” (Ent.4) - (C1)</p>
Organização do Espaço/ exposição dos trabalhos	5) Tem um espaço específico para a exposição dos trabalhos?	Existe um espaço (D1) Não existe (D2)	<p>“Sim, temos um quadro de trabalhos (...) Outro espaço para as pinturas com guache (...)” (Ent.1) – (D1)</p> <p>“Sim..” (Ent.2) – (D1)</p>
	Se sim como gere este espaço?	Gerido pelas crianças(D3) Gerido por adultos e crianças (D4) Gerido pelo adulto (D5) Não enumera (D6)	<p>“(...) um quadro de trabalhos que se vai colocando, mas não mudo diariamente. Outro espaço para as pinturas com guache que mudo diariamente. (Ent.1) – (D5)</p> <p>“...uma área é das crianças e são elas que fazem a gestão do espaço e outra é ‘minha’ onde eu exponho as criações das crianças orientadas por mim e dentro da temática do projeto..(Ent.2) – (D3; D5)</p> <p>“Sim tenho uma parede onde afixo os desenhos e as pinturas das crianças...” (Ent.3) – (D5)</p> <p>“Sim...cada um tem uma mola com o nome e fotografia e podem colocar o seu desenho ou algum trabalho que fizeram relativo ao projeto...” (Ent.4) – (D4)</p>
Espaço trabalhos não concluídos	6) Existe um espaço determinado para os trabalhos não concluídos?	Sim (E1) Não (E2)	<p>“Sim, os trabalhos não concluídos vão para um móvel ao qual as crianças têm acesso para poderem terminar mais tarde.” (Ent.1) – (E1)</p> <p>“Sim, nas suas capas..” (Ent.2) – (E1)</p> <p>“Sim...as crianças põem os seus trabalhos nas capas individuais de cada um, quer os acabados quer os que estão por acabar (...)” – (Ent.3) – (E1)</p> <p>“Sim..a pasta deles (...)” – (Ent.4) – (E1)</p>

<p>Planificação atividades / para a apreciação artística</p>	<p>7) Costumam realizar visitas de estudo (por ex. Museus) com o objetivo do conhecimento e apreciação artística?</p>	<p>Sim (F1) Não (F2) Raramente (F3)</p>	<p>“Raramente, apenas se o projeto estiver de acordo com este tema ou então alguma visita que esteja relacionada com o projeto de sala.” (Ent.1) – (F3)</p> <p>“Sim mas mais direcionado para o teatro e cinema (uma vez que o projeto de sala é ‘Era uma vez...’)” (Ent.2) – (F1)</p> <p>“Quando é possível e se o projeto estiver mais relacionado com a parte artística...se bem que não fazemos muitos passeios e visitas de estudo” (Ent.3) – (F3)</p> <p>“Não realizamos visitas de estudo mas já fizemos alguns passeios mas mais a nível cultural...espetáculos ou teatros...” (Ent.4) – (F2)</p>
<p>Produção/Representação gráfica das aprendizagens</p>	<p>8) As crianças registam/documentam os saberes/experiências/aprendizagens recorrendo à representação/linguagem plástica? Em que situações e de que modo?</p>	<p>Documentam (I1) Não documentam (I2)</p>	<p>“Sim, no registo gráfico das histórias e no registo das aprendizagens efetuadas através do projeto.” – (Ent.1) – (I1)</p> <p>“...elas documentam de várias formas nem sempre na expressão plástica embora seja frequente registarem através do desenho o que aprenderam” (Ent.2) – (I1)</p> <p>“Registam através do desenho, por exemplo das histórias que ouvem ou do que vamos aprendendo sobre o projeto” (Ent.3) – (I1)</p> <p>“Nas aprendizagens da sala em desenhos ou trabalhos tridimensionais” (Ent.4) – (I1)</p>
<p>Postura do adulto perante as criações plásticas / interação</p>	<p>9) De que modo apoia estas produções plásticas das crianças?</p>	<p>Expõe os trabalhos (J1) Elogia os trabalhos (J7) Estimula o diálogo e a partilha (J8) Incentiva o gosto pela produção plástica (J9) Outros (J10)</p>	<p>“Oriento a criança e faculto os materiais necessários a essas produções.” (Ent.1) – (J10)</p> <p>“estímulo do diálogo e a troca de ideias seja durante a atividade ou depois, partilhando-a com os colegas (...).também exponho os trabalhos e assim eles sentem-se valorizados.” (Ent.2) – (J8)</p> <p>“Incentivando-as a ‘passarem’ para o papel aquilo que pensam e sentem...” (Ent.3) – (J9)</p> <p>Ajudo-as se necessário e incentivo-as dizendo que estão a fazer trabalhos bonitos. Mais tarde exponho os trabalhos de forma a que as crianças sintam que os seus trabalhos foram valorizados pelo adulto (Ent.4) – (J1 – J7)</p>

<p>Atitude do educador/interação</p>	<p>10) Qual é a atitude que tem perante as produções (livres e/ou orientadas) das crianças? Dá feedback à criança? De que modo?</p>	<p>Comenta (L1) Não comenta (L2) Não enumera (L3)</p>	<p>“Uma atitude positiva e orientadora (...)” – (Ent.1) – (L3) “Sim, elogiando as criações e motivando-os...tentando sempre estimular uma atitude crítica em relação ao trabalho que fizeram..” (Ent.2) – (L3) “(…) incentivo-as dizendo que estão a fazer trabalhos bonitos. (Ent.3) – (L1) “Falo com elas e digo-lhes o que poderiam melhorar tentando não desanimá-las e elogiando o que fazem (...) – (Ent.4) – (L1)</p>
<p>Adequação do espaço à faixa etária</p>	<p>11) Tem em conta a faixa etária com que trabalha na adequação da área da expressão plástica? Em que aspetos?</p>	<p>Segundo os Materiais (M1) Segundo o Espaço (M2) Segundo os interesses das crianças (M3) Não enumera (M4)</p>	<p>“Sim, a quantidade de material e a diversidade do material (...)” – (Ent.1) “Sim...por exemplo se as crianças são mais pequenas (...) as colas e as tesouras não estão de livre acesso para evitar acidentes (...) o resto dos materiais e mobília é mais adequada aos mais pequenos” (Ent.2) – (M1, M2) “A idade influencia a utilização ou não de várias técnicas (...) mas a área da expressão plástica não muda muito” – (Ent.3) – (M4) “Eu adequo os materiais conforme a faixa etária (...) quão mais novos mais cuidados temos que ter...” – (Ent. 4) – (M1)</p>
<p>Melhoria do espaço</p>	<p>12) Considera que há aspetos a serem melhorados na área da expressão Plástica da sala?</p>	<p>Mais espaço (M1) Mais diversidade de materiais (M2) Outros (M3)</p>	<p>“a área do cavalete, só temos um e o espaço é pequeno (...) é raro as crianças pintarem no cavalete. Podíamos também ter mais materiais de pintura...” (Ent.1) – (M1) “Sim...se tivesse mais espaço teria mais materiais e mais espaço para expor os trabalhos...infelizmente o espaço não é muito grande (...) Podíamos ter uma banca de água corrente e não temos... (Ent.2) – (M1 – M3) “Há...mais especificamente em relação aos materiais...deveria ter mais variedade e diversidade para as crianças utilizarem (...)” – (Ent.3) – (M2) “(…) se tivesse que mudar alguma coisa talvez fosse ter mais espaço e cavaletes...a sala é pequena (...) se a sala fosse maior talvez colocasse mais materiais...(Ent.4) – (M1 – M2)</p>

Entrevista nº1 (Ent.1)

Esta entrevista vai ao encontro da temática do relatório de investigação, realizado no contexto de Mestrado em Educação Pré-Escolar da Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti e pretende compreender a atitude do adulto perante a criação plástica das crianças e como a possibilita e estimula. A estagiária agradece desde já a sua colaboração.

1) Para contextualizar gostaria de pedir que me indicasse a sua idade, formação e anos de serviço.

Ent.1: 39 anos, licenciada em Educação de Infância. Pós-graduada em Ensino Especial. 12 anos de serviço.

2) No que diz respeito às atividades de Expressão Plástica a que tipos de técnicas recorre? (ex. Bi/tri dimensionais, etc).

Ent.1: Técnicas de estampagem; colagem, bi e tridimensionais, recorte, utilização de materiais reciclados...

3) A que tipo de recursos artísticos recorre para estimular a apreciação artística/produção plástica?

Ent.1: Livros de histórias, imagens das pesquisas na internet que vamos fazendo relativas ao projeto...

4) Na sala existem catálogos/imagens a que recorre para proporcionar experiências artísticas de apreciação e apoio à criação plástica? Quais?

Ent.1: Existem as imagens das pesquisas que vamos fazendo, fotografias e livros que vamos consultando.

5) Tem um espaço específico para a exposição de trabalhos? Se sim, como gere este espaço?

Ent.1: Sim, temos um quadro de trabalhos que se vai colocando, mas não mudo diariamente. Outro espaço para as pinturas com guache que muda diariamente.

6) Existe um espaço determinado para os trabalhos não concluídos?

Ent.1: Sim, os trabalhos não concluídos vão para um móvel ao qual as crianças têm acesso para poderem terminar mais tarde.

7) Costumam realizar visitas de estudo (por ex. Museus) com o objetivo do conhecimento e apreciação artística?

Ent.1: Raramente, apenas se o projeto estiver de acordo com este tema ou então alguma visita que esteja relacionada com o projeto de sala.

8) As crianças registam/documentam os saberes/experiências/aprendizagens recorrendo à representação/linguagem plástica? Em que situações e de que modo?

Ent.1: Sim, no registo das histórias e no registo das aprendizagens efetuadas através do projeto.

9) De que modo apoia as produções plásticas das crianças?

Ent.1: Oriento a criança e faculto os materiais necessários a essas produções.

10) Qual é a atitude que tem perante as produções (livres e orientadas) das crianças? Dá feedback à criança? De que modo?

Ent.1: Uma atitude positiva e orientadora, tentando ajudar a criança a ultrapassar obstáculos.

11) Tem em conta a faixa etária com que trabalha na adequação da área de expressão plástica? Em que aspetos?

Ent.1: Sim, a quantidade de material e a diversidade do material, é preciso orientar mais as crianças pequenas, precisam mais da nossa ajuda.

12) Considera que há aspetos a serem melhorados na área de expressão plástica da sala? (organização, materiais)

Ent.1: Talvez a área do cavalete, só temos um e o espaço é pequeno, não sendo utilizado com frequência...é raro as crianças pintarem no cavalete. Podíamos também ter mais materiais de pintura...

Entrevista nº2 (Ent.2)

Esta entrevista vai ao encontro da temática do relatório de investigação, realizado no contexto de Mestrado em Educação Pré-Escolar da Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti e pretende compreender a atitude do adulto perante a criação plástica das crianças e como a possibilita e estimula. A estagiária agradece desde já a sua colaboração.

1) Para contextualizar gostaria de pedir que me indicasse a sua idade, formação e anos de serviço.

Ent.2: 41 anos, Licenciatura em Educação de Infância, 9 anos de serviço.

2) No que diz respeito às atividades de Expressão Plástica a que tipos de técnicas recorre? (ex. Bi/tri dimensionais, etc).

Ent.2: A colagem, a modelagem, pintura com guache, aguarelas...utilização de materiais de desperdício..

3) A que tipo de recursos artísticos recorre para estimular a apreciação artística/produção plástica?

Ent.2: Visualização de fotos, obras de arte, imagens...planificação de atividades e atividades livres....

4) Na sala existem catálogos/imagens a que recorre para proporcionar experiências artísticas de apreciação e apoio à criação plástica? Quais?

Ent.2: Sim, jornais, revistas de divulgação cultural...

5) Tem um espaço específico para a exposição de trabalhos? Se sim, como gere este espaço?

Ent.2: Sim, uma área é das crianças e são elas que fazem a gestão do espaço e outra é ‘minha’ onde eu exponho as criações das crianças orientadas por mim e dentro da temática do projeto..

6) Existe um espaço determinado para os trabalhos não concluídos?

Ent.2: Sim...

7) Costumam realizar visitas de estudo (por ex. Museus) com o objetivo do conhecimento e apreciação artística?

Ent.2: Sim mas mais direcionado para o teatro e cinema (uma vez que o projeto de sala é ‘Era uma vez...’), portanto as visitas que realizamos até à data tiveram a ver com essa vertente cultural...

8) As crianças registam/documentam os saberes/experiências/aprendizagens recorrendo à representação/linguagem plástica? Em que situações e de que modo?

Ent.2: Sim...registos de saídas, ou por escrito ou gráficas, experiências...elas documentam de várias formas nem sempre na expressão plástica embora seja frequente registarem através do desenho o que aprenderam...

9) De que modo apoia as produções plásticas das crianças?

Ent.2: Oriento algumas atividades e estímulo o diálogo e a troca de ideias seja durante a atividade ou depois, partilhando-a com os colegas...

10) Qual é a atitude que tem perante as produções (livres e orientadas) das crianças? Dá feedback à criança? De que modo?

Ent.2: Sim, elogiando as criações e motivando-os...tentando sempre estimular uma atitude crítica em relação ao trabalho que fizeram...também exponho os trabalhos e assim eles sentem-se valorizados.

11) Tem em conta a faixa etária com que trabalha na adequação da área de expressão plástica? Em que aspetos?

Ent.2: Sim...por exemplo se as crianças são mais pequenas, as colas e as tesouras não estão de livre acesso para evitar acidentes e quando é para utilizar estes materiais é sob a vigilância de adultos...seja eu ou a auxiliar...no entanto o resto dos materiais e mobília é mais adequada aos mais pequenos, para que tenham acesso e possam utilizar o espaço livremente...

12) Considera que há aspetos a serem melhorados na área de expressão plástica da sala? (organização, materiais)

Ent.2: Sim...se tivesse mais espaço teria mais materiais e mais espaço para expor os trabalhos...infelizmente o espaço não é muito grande o que condiciona a utilização do mesmo...Podíamos ter uma banca de água corrente e não temos...ficamos mais limitados...

Entrevista nº3 (Ent.3)

Esta entrevista vai ao encontro da temática do relatório de investigação, realizado no contexto de Mestrado em Educação Pré-Escolar da Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti e pretende compreender a atitude do adulto perante a criação plástica das crianças e como a possibilita e estimula. A estagiária agradece desde já a sua colaboração.

1) Para contextualizar gostaria de pedir que me indicasse a sua idade, formação e anos de serviço.

Ent.3: 38 anos, Licenciada em Educação de Infância, 16 anos de serviço.

2) No que diz respeito às atividades de Expressão Plástica a que tipos de técnicas recorre? (ex. Bi/tri dimensionais, etc).

Ent.3: Pintura com várias técnicas...pincel, esponja, carimbos, sopro, a técnica do berlinde...a estampagem, a colagem...a técnica tridimensional com material reciclado...

3) A que tipo de recursos artísticos recorre para estimular a apreciação artística/produção plástica?

Ent.3: Através da visualização de imagens, trabalhos realizados por outras crianças, já mostrei obras de arte (com as crianças mais velhas), fazemos também pesquisas na internet como forma de pesquisar e mostrar alguns trabalhos artísticos..

4) Na sala existem catálogos/imagens a que recorre para proporcionar experiências artísticas de apreciação e apoio à criação plástica? Quais?

Ent.3: Jornais, panfletos, livros com ilustrações diferentes...revistas...

5) Tem um espaço específico para a exposição de trabalhos? Se sim, como gere este espaço?

Ent.3: Sim tenho uma parede onde afixo os desenhos e as pinturas das crianças...

6) Existe um espaço determinado para os trabalhos não concluídos?

Ent.3: Sim...as crianças põem os seus trabalhos nas capas individuais de cada um, quer os acabados quer os que estão por acabar e que podem terminar mais tarde...

7) Costumam realizar visitas de estudo (por ex. Museus) com o objetivo do conhecimento e apreciação artística?

Ent.3: Quando é possível e se o projeto estiver mais relacionado com a parte artística...se bem que não fazemos muitos passeios e visitas de estudo...podíamos fazer mais. As crianças gostam....

8) As crianças registam/documentam os saberes/experiências/aprendizagens recorrendo à representação/linguagem plástica? Em que situações e de que modo?

Ent.3: Registam através do desenho, por exemplo das histórias que ouvem ou do que vamos aprendendo sobre o projeto...

9) De que modo apoia as produções plásticas das crianças?

Ent.3: Incentivando-as a 'passarem' para o papel aquilo que pensam e sentem...

10) Qual é a atitude que tem perante as produções (livres e orientadas) das crianças? Dá feedback à criança? De que modo?

Ent.3: Ajudo-as se necessário e incentivo-as dizendo que estão a fazer trabalhos bonitos. Mais tarde exponho os trabalhos de forma a que as crianças sintam que os seus trabalhos foram valorizados pelo adulto..

11) Tem em conta a faixa etária com que trabalha na adequação da área de expressão plástica? Em que aspetos?

Ent.3: A idade influencia a utilização ou não de várias técnicas...geralmente com os grupos mais pequenos as técnicas utilizadas são mais simples e vamos 'complicando' à medida que adquirem as competências necessárias...mas a área da plástica não muda muito...

12) Considera que há aspetos a serem melhorados na área de expressão plástica da sala? (organização, materiais)

Ent.3: Há...mais especificamente em relação aos materiais...deveria ter mais variedade e diversidade para as crianças utilizarem....

Entrevista nº4 (Ent.4)

Esta entrevista vai ao encontro da temática do relatório de investigação, realizado no contexto de Mestrado em Educação Pré-Escolar da Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti e pretende compreender a atitude do adulto perante a criação plástica das crianças e como a possibilita e estimula. A estagiária agradece desde já a sua colaboração.

1) Para contextualizar gostaria de pedir que me indicasse a sua idade, formação e anos de serviço.

Ent.4: 45 anos, 21 anos de serviço, Licenciada em Educação de Infância

2) No que diz respeito às atividades de Expressão Plástica a que tipos de técnicas recorre? (ex. Bi/tri dimensionais, etc).

Ent.4: Colagem, pintura, desenho com vários materiais a modelagem, digitinta...

3) A que tipo de recursos artísticos recorre para estimular a apreciação artística/produção plástica?

Ent.4: Materiais como as tintas, a pasta de farinha, as esponjas, restos de material reciclado, tecidos...é mais através da experimentação e da utilização dos materiais para fazerem trabalhos de plástica do que a apreciação artística...

4) Na sala existem catálogos/imagens a que recorre para proporcionar experiências artísticas de apreciação e apoio à criação plástica? Quais?

Ent.4: Imagens de pesquisa na internet...livros, temos um catálogo de fotografias que vamos construindo e consultando quando precisamos...

5) Tem um espaço específico para a exposição de trabalhos? Se sim, como gere este espaço?

Ent.4: Sim..cada um tem uma mola com o nome e fotografia e podem colocar o seu desenho ou algum trabalho que fizeram relativo ao projeto...

6) Existe um espaço determinado para os trabalhos não concluídos?

Ent.4: Sim...a pasta deles onde colocam os seus trabalhos...

7) Costumam realizar visitas de estudo (por ex. Museus) com o objetivo do conhecimento e apreciação artística?

Ent.4: Não realizamos muitas visitas de estudo mas já fizemos alguns passeios mas mais a nível cultural...espetáculos ou teatros...

8) As crianças registam/documentam os saberes/experiências/aprendizagens recorrendo à representação/linguagem plástica? Em que situações e de que modo?

Ent.4: Nas aprendizagens da sala em desenhos ou trabalhos tridimensionais, depende de como as crianças dão ideias e querem registam o que aprenderam...

9) De que modo apoia as produções plásticas das crianças?

Ent.4: Eu estou como apoio para moderar o que as crianças querem fazer...

10) Qual é a atitude que tem perante as produções (livres e orientadas) das crianças? Dá feedback à criança? De que modo?

Ent.4: Falo com elas e digo-lhes o que poderiam melhorar tentando não desanimá-las e elogiando o que fazem....vou observando o que fazem e dou apoio se elas o pedirem...

11) Tem em conta a faixa etária com que trabalha na adequação da área de expressão plástica? Em que aspetos?

Ent.4: Eu adequo os materiais conforme a faixa etária...alguns precisam que estejamos atentos na sua utilização...quão mais novos mais cuidados temos que ter..

12) Considera que há aspetos a serem melhorados na área de expressão plástica da sala? (organização, materiais)

Ent.4: Não, penso que temos um pouco de tudo para dar liberdade de expressão à criança a nível da sala de aula...se tivesse que mudar alguma coisa talvez fosse ter mais espaço e cavaletes...a sala é pequena e o espaço mais utilizado é a área da casinha e da biblioteca, o fantocheiro, então há mais espaço para as crianças brincarem aí...se a sala fosse maior talvez colocasse mais materiais...

ANEXO II – GRELHAS DE AVALIAÇÃO

Instrumento de Avaliação/observação Área de Expressão Plástica
Educação Pré-Escolar - 1

Legenda

A – Item cumprido (existe)

B – Item quase cumprido /necessita de melhorias

C – Item não cumprido / situação não realizado

	A	B	C
1. Espaço e Materiais			
1.1 Existe um local específico na sala para atividades de expressão plástica	x		
1.2 O local possui uma banca água corrente	x		
1.3 O local possui mesas e cadeiras suficientes em função do número de crianças	x		
1.4 O local possui boa iluminação natural (e perto de janelas?)	x		
1.5 O local possui um espaço específico para a exposição de trabalhos bidimensionais		x	
1.6 O local possui um espaço específico para a exposição de trabalhos tridimensionais			x
1.7 Os materiais estão acessíveis às crianças		x	
1.8 Os materiais encontram-se visíveis para as crianças	x		
1.9 Os materiais existentes para desenhar:			
1.9.1 Lápis de cor	x		
1.9.2 Lápis carvão	x		
1.9.3 Lápis de cera	x		
1.9.4 Canetas de cor	x		
1.9.5 Borrachas		x	
1.9.6 Aguças	x		
1.9.7 Vários tipos de papel (folha branca, cartolina)	x		
1.10 Os materiais existentes para pintar:			
1.10.1 Pincéis (vários)		x	
1.10.2 tintas (china, guache, aquarela, acrílica)		x	
1.10.3 Cavalete(s)		x	
1.10.4 Recipientes para as tintas (godés)	x		
1.10.5 Batas / Aventais	x		
1.11 Os materiais existentes para recorte:			
1.11.1 Tesouras	x		
1.12 Os materiais existentes para colagem			
1.12.1 Pincéis para colar	x		

1.12.2 cola branca	X		
1.12.3 cola (stick)		X	
1.12.4 jornais	X		
1.12.5 revistas	X		
1.12.6 fita cola	X		
1.13 Os materiais existentes para a modelagem			
1.13.1 Plasticina	X		
1.13.2 Barro			X
1.12.3 Formas/Moldes		X	
1.14 Os materiais existentes para a criações tridimensionais			
1.14.1 materiais recicláveis (rolhas, embalagens, tecidos, botões, etc)	X		
1.15 Existe uma grande diversidade de materiais (não limitando as crianças, nas suas produções e não se observando conflitos entre eles)		X	
1.16 Na sala existem imagens (catálogos, ficheiros) que auxiliam as crianças na sua representação gráfica		X	
1.17 Na sala existem ficheiros ou um local específico onde as crianças possam guardar as suas criações/produções autonomamente	X		
2. Tempo			
2.1 O educador prevê um tempo diário para que as crianças possam desenvolver atividades de expressão plástica que querem realizar (estimulando-as a explicar o que vão produzir/criar)	X		
2.2 Quando uma criança não termina o trabalho no tempo previsto dá oportunidade para que o conclua posteriormente	X		
2.3 O educador planifica um momento de diálogo/revisão na rotina diária no qual as crianças possam expor os seus trabalhos individuais e/ou em grupo para o restante grupo e refletir sobre os processos de criação		X	
3. Interação			
3.1 O educador apoia o processo de trabalho individual de cada criança na área de Expressão plástica	X		
3.2 O educador estimula a utilização de diferentes técnicas em simultâneo		X	
3.3 O educador promove a experimentação/exploração de diferentes materiais	X		
3.4 O educador estimula a criança a refletir durante o processo criativo	X		
3.5 O educador estimula nas crianças o gosto pela produção das suas próprias obras plásticas	X		
3.6 O educador estimula a interação entre as crianças no processo criativo	X		
3.7 O educador dá feedback à criança sobre a sua criação/produção plástica		X	
3.8 O educador proporciona momentos de criatividade e demonstra sensibilidade pela diferença na criação artística	X		
3.9 Na sala expõe-se os trabalhos:			
3.10.1 Espontâneos das crianças		X	
3.10.2 Orientados pelo educador	X		
3.10.3 Projetos realizados pelas crianças	X		
4. Planificação / atividades e projetos			

4.1 O educador planifica semanalmente atividades na área de expressão plástica	x		
4.2 O educador desenvolve atividades na área de expressão plástica procurando:			
4.2.1 que a criança desenvolva um vocabulário relacionado com as artes		x	
4.2.2 que a criança desenvolva capacidades manipulativas e aprenda diferentes técnicas	x		
4.2.3 que a criança desenvolva capacidades perceptivas/de apreciação artística		x	
4.2.4 que a criança tenha oportunidade de observar:			
a) A natureza	x		
b) Obras artísticas (em museus e outras instituições culturais)		x	
c) Fotografias	x		
d) Reproduções artísticas (imagens, material didático, etc)		x	
4.3 O educador dá a conhecer à criança o património artístico e cultural:			
a) Regional		x	
b) Nacional		x	
c) Internacional			x
d) Histórico		x	
e) Urbano/Contemporâneo		x	
4.4 O educador planifica atividades de criação plástica baseadas no trabalho de projeto	x		
4.5 O educador planifica momentos cuja criação/produção artística é livre	x		
4.6 O educador planifica momentos de apreciação artística de imagens/objetos culturais/populares de forma a estimular a reflexão/interpretação das crianças?		x	
4.7 O educador planifica momentos com as crianças recorrendo a diferentes técnicas (desenho, fotografia, pintura) para registar aprendizagens realizadas?	x		

Adaptado de Silva, B. (2011). Analisis de la expresion plastica en la Educacion Infantil: Propuestas de intervencion curricular. Tese de doutoramento. Jaén: Universidad de Jaén

Instrumento de Avaliação/observação Área de Expressão Plástica
Educação Pré-Escolar - 2

Legenda			
A – Item cumprido (existe)			
B – Item quase cumprido /necessita de melhorias			
C – Item não cumprido / situação não Realizada			
	A	B	C
1. Espaço e Materiais			
1.1 Existe um local específico na sala para atividades de expressão plástica	x		
1.2 O local possui uma banca água corrente			x
1.3 O local possui mesas e cadeiras suficientes em função do número de crianças		x	
1.4 O local possui boa iluminação natural (e perto de janelas?)	x		
1.5 O local possui um espaço específico para a exposição de trabalhos bidimensionais	x		
1.6 O local possui um espaço específico para a exposição de trabalhos tridimensionais			x
1.7 Os materiais estão acessíveis às crianças	x		
1.8 Os materiais encontram-se visíveis para as crianças	x		
1.9 Os materiais existentes para desenhar:			
1.9.1 Lápis de cor	x		
1.9.2 Lápis carvão	x		
1.9.3 Lápis de cera		x	
1.9.4 Canetas de cor	x		
1.9.5 Borrachas		x	
1.9.6 Aguças	x		
1.9.7 Vários tipos de papel (folha branca, cartolina)	x		
1.10 Os materiais existentes para pintar:			
1.10.1 Pincéis (vários)	x		
1.10.2 tintas (china, guache, aquarela, acrílica)		x	
1.10.3 Cavalete(s)			x
1.10.4 Recipientes para as tintas (godés)	x		
1.10.5 Batas / Aventais			x
1.11 Os materiais existentes para recorte:			
1.11.1 Tesouras	x		
1.12 Os materiais existentes para colagem			
1.12.1 Pincéis para colar		x	
1.12.2 cola branca	x		

1.12.3 cola (stick)	X		
1.12.4 jornais	X		
1.12.5 revistas	X		
1.12.6 fita cola	X		
1.13 Os materiais existentes para a modelagem			
1.13.1 Plasticina	X		
1.13.2 Barro			X
1.12.3 Formas/Moldes		X	
1.14 Os materiais existentes para a criações tridimensionais			
1.14.1 materiais recicláveis (rolhas, embalagens, tecidos, botões, etc)	X		
1.15 Existe uma grande diversidade de materiais (não limitando as crianças, nas suas produções e não se observando conflitos entre eles)		X	
1.16 Na sala existem imagens (catálogos, ficheiros) que auxiliam as crianças na sua representação gráfica	X		
1.17 Na sala existem ficheiros ou um local específico onde as crianças possam guardar as suas criações/produções autonomamente	X		
2. Tempo			
2.1 O educador prevê um tempo diário para que as crianças possam desenvolver atividades de expressão plástica que querem realizar (estimulando-as a explicar o que vão produzir/criar)			X
2.2 Quando uma criança não termina o trabalho no tempo previsto dá oportunidade para que o conclua posteriormente	X		
2.3 O educador planifica um momento de diálogo/revisão na rotina diária no qual as crianças possam expor os seus trabalhos individuais e/ou em grupo para o restante grupo e refletir sobre os processos de criação		X	
3. Interação			
3.1 O educador apoia o processo de trabalho individual de cada criança na área de Expressão plástica	X		
3.2 O educador estimula a utilização de diferentes técnicas em simultâneo	X		
3.3 O educador promove a experimentação/exploração de diferentes materiais	X		
3.4 O educador estimula a criança a refletir durante o processo criativo	X		
3.5 O educador estimula nas crianças o gosto pela produção das suas próprias obras plásticas	X		
3.6 O educador estimula a interação entre as crianças no processo criativo	X		
3.7 O educador dá feedback à criança sobre a sua criação/produção plástica	X		
3.8 O educador proporciona momentos de criatividade e demonstra sensibilidade pela diferença na criação artística	X		
3.9 Na sala expõe-se os trabalhos:			
3.10.1 Espontâneos das crianças	X		
3.10.2 Orientados pelo educador		X	
3.10.3 Projetos realizados pelas crianças		X	
4. Planificação / atividades e projetos			
4.1 O educador planifica semanalmente atividades na área de expressão plástica	X		

4.2 O educador desenvolve atividades na área de expressão plástica procurando:			
4.2.1 que a criança desenvolva um vocabulário relacionado com as artes		X	
4.2.2 que a criança desenvolva capacidades manipulativas e aprenda diferentes técnicas	X		
4.2.3 que a criança desenvolva capacidades perceptivas/de apreciação artística		X	
4.2.4 que a criança tenha oportunidade de observar:			
a) A natureza	X		
b) Obras artísticas (em museus e outras instituições culturais)	X		
c) Fotografias	X		
d) Reproduções artísticas (imagens, material didático, etc)	X		
4.3 O educador dá a conhecer à criança o património artístico e cultural:			
a) Regional		X	
b) Nacional		X	
c) Internacional			X
d) Histórico		X	
e) Urbano/Contemporâneo		X	
4.4 O educador planifica atividades de criação plástica baseadas no trabalho de projeto	X		
4.5 O educador planifica momentos cuja criação/produção artística é livre	X		
4.6 O educador planifica momentos de apreciação artística de imagens/objetos culturais/populares de forma a estimular a reflexão/interpretação das crianças?	X		
4.7 O educador planifica momentos com as crianças recorrendo a diferentes técnicas (desenho, fotografia, pintura) para registar aprendizagens realizadas?	X		

Adaptado de Silva, B. (2011). Analisis de la expresion plastica en la Educacion Infantil: Propuestas de intervencion curricular. Tese de doutoramento. Jaén: Universidad de Jaén.

Instrumento de Avaliação/observação Área de Expressão Plástica
Educação Pré-Escolar - 3

Legenda

A – Item cumprido (existe)

B – Item quase cumprido /necessita de melhorias

C – Item não cumprido / situação não realizada

	A	B	C
1. Espaço e Materiais			
1.1 Existe um local específico na sala para atividades de expressão plástica	X		
1.2 O local possui uma banca água corrente	X		
1.3 O local possui mesas e cadeiras suficientes em função do número de crianças		X	
1.4 O local possui boa iluminação natural (e perto de janelas?)	X		
1.5 O local possui um espaço específico para a exposição de trabalhos bidimensionais	X		
1.6 O local possui um espaço específico para a exposição de trabalhos tridimensionais		X	
1.7 Os materiais estão acessíveis às crianças	X		
1.8 Os materiais encontram-se visíveis para as crianças	X		
1.9 Os materiais existentes para desenhar:			
1.9.1 Lápis de cor	X		
1.9.2 Lápis carvão	X		
1.9.3 Lápis de cera		X	
1.9.4 Canetas de cor		X	
1.9.5 Borrachas	X		
1.9.6 Aguças	X		
1.9.7 Vários tipos de papel (folha branca, cartolina)	X		
1.10 Os materiais existentes para pintar:			
1.10.1 Pincéis (vários)		X	
1.10.2 tintas (china, guache, aguarela, acrílica)		X	
1.10.3 Cavalete(s)			X
1.10.4 Recipientes para as tintas (godés)	X		
1.10.5 Batas / Aventais	X		
1.11 Os materiais existentes para recorte:			
1.11.1 Tesouras	X		
1.12 Os materiais existentes para colagem			
1.12.1 Pincéis para colar		X	
1.12.2 cola branca	X		

1.12.3 cola (stick)	X		
1.12.4 jornais	X		
1.12.5 revistas	X		
1.12.6 fita cola	X		
1.13 Os materiais existentes para a modelagem			
1.13.1 Plasticina		X	
1.13.2 Barro		X	
1.12.3 Formas/Moldes		X	
1.14 Os materiais existentes para a criações tridimensionais			
1.14.1 materiais recicláveis (rolhas, embalagens, tecidos, botões, etc)	X		
1.15 Existe uma grande diversidade de materiais (não limitando as crianças, nas suas produções e não se observando conflitos entre eles)		X	
1.16 Na sala existem imagens (catálogos, ficheiros) que auxiliam as crianças na sua representação gráfica	X		
1.17 Na sala existem ficheiros ou um local específico onde as crianças possam guardar as suas criações/produções autonomamente	X		
2. Tempo			
2.1 O educador prevê um tempo diário para que as crianças possam desenvolver atividades de expressão plástica que querem realizar (estimulando-as a explicar o que vão produzir/criar)	X		
2.2 Quando uma criança não termina o trabalho no tempo previsto dá oportunidade para que o conclua posteriormente	X		
2.3 O educador planifica um momento de diálogo/revisão na rotina diária no qual as crianças possam expor os seus trabalhos individuais e/ou em grupo para o restante grupo e refletir sobre os processos de criação		X	
3. Interação			
3.1 O educador apoia o processo de trabalho individual de cada criança na área de Expressão plástica	X		
3.2 O educador estimula a utilização de diferentes técnicas em simultâneo	X		
3.3 O educador promove a experimentação/exploração de diferentes materiais	X		
3.4 O educador estimula a criança a refletir durante o processo criativo	X		
3.5 O educador estimula nas crianças o gosto pela produção das suas próprias obras plásticas	X		
3.6 O educador estimula a interação entre as crianças no processo criativo	X		
3.7 O educador dá feedback à criança sobre a sua criação/produção plástica	X		
3.8 O educador proporciona momentos de criatividade e demonstra sensibilidade pela diferença na criação artística	X		
3.9 Na sala expõe-se os trabalhos:			
3.10.1 Espontâneos das crianças		X	
3.10.2 Orientados pelo educador		X	
3.10.3 Projetos realizados pelas crianças	X		
4. Planificação / atividades e projetos			
4.1 O educador planifica semanalmente atividades na área de expressão plástica	X		

4.2 O educador desenvolve atividades na área de expressão plástica procurando:			
4.2.1 que a criança desenvolva um vocabulário relacionado com as artes		X	
4.2.2 que a criança desenvolva capacidades manipulativas e aprenda diferentes técnicas	X		
4.2.3 que a criança desenvolva capacidades perceptivas/de apreciação artística	X		
4.2.4 que a criança tenha oportunidade de observar:			
a) A natureza	X		
b) Obras artísticas (em museus e outras instituições culturais)		X	
c) Fotografias	X		
d) Reproduções artísticas (imagens, material didático, etc)		X	
4.3 O educador dá a conhecer à criança o património artístico e cultural:			
a) Regional		X	
b) Nacional		X	
c) Internacional		X	
d) Histórico		X	
e) Urbano/Contemporâneo		X	
4.4 O educador planifica atividades de criação plástica baseadas no trabalho de projeto	X		
4.5 O educador planifica momentos cuja criação/produção artística é livre	X		
4.6 O educador planifica momentos de apreciação artística de imagens/objetos culturais/populares de forma a estimular a reflexão/interpretação das crianças?	X		
4.7 O educador planifica momentos com as crianças recorrendo a diferentes técnicas (desenho, fotografia, pintura) para registar aprendizagens realizadas?	X		

Adaptado de Silva, B. (2011). Analisis de la expresion plastica en la Educacion Infantil: Propuestas de intervencion curricular. Tese de doutoramento. Jaén: Universidad de Jaén.

Instrumento de Avaliação/observação Área de Expressão Plástica
Educação Pré-Escolar - 4

Legenda

A – Item cumprido (existe)

B – Item quase cumprido /necessita de melhorias

C – Item não cumprido / situação não realizada

	A	B	C
1. Espaço e Materiais			
1.1 Existe um local específico na sala para atividades de expressão plástica	X		
1.2 O local possui uma banca água corrente			X
1.3 O local possui mesas e cadeiras suficientes em função do número de crianças		X	
1.4 O local possui boa iluminação natural (e perto de janelas?)	X		
1.5 O local possui um espaço específico para a exposição de trabalhos bidimensionais	X		
1.6 O local possui um espaço específico para a exposição de trabalhos tridimensionais		X	
1.7 Os materiais estão acessíveis às crianças	X		
1.8 Os materiais encontram-se visíveis para as crianças	X		
1.9 Os materiais existentes para desenhar:			
1.9.1 Lápis de cor	X		
1.9.2 Lápis carvão	X		
1.9.3 Lápis de cera	X		
1.9.4 Canetas de cor	X		
1.9.5 Borrachas		X	
1.9.6 Aguças	X		
1.9.7 Vários tipos de papel (folha branca, cartolina)	X		
1.10 Os materiais existentes para pintar:			
1.10.1 Pincéis (vários)		X	
1.10.2 tintas (china, guache, aguarela, acrílica)		X	
1.10.3 Cavalete(s)			X
1.10.4 Recipientes para as tintas (godés)		X	
1.10.5 Batas / Aventais	X		
1.11 Os materiais existentes para recorte:			
1.11.1 Tesouras	X		
1.12 Os materiais existentes para colagem			
1.12.1 Pincéis para colar	X		

1.12.2 cola branca	X		
1.12.3 cola (stick)	X		
1.12.4 jornais	X		
1.12.5 revistas	X		
1.12.6 fita cola	X		
1.13 Os materiais existentes para a modelagem			
1.13.1 Plasticina		X	
1.13.2 Barro		X	
1.12.3 Formas/Moldes	X		
1.14 Os materiais existentes para a criações tridimensionais			
1.14.1 materiais recicláveis (rolhas, embalagens, tecidos, botões, etc)	X		
1.15 Existe uma grande diversidade de materiais (não limitando as crianças, nas suas produções e não se observando conflitos entre eles)		X	
1.16 Na sala existem imagens (catálogos, ficheiros) que auxiliam as crianças na sua representação gráfica	X		
1.17 Na sala existem ficheiros ou um local específico onde as crianças possam guardar as suas criações/produções autonomamente	X		
2. Tempo			
2.1 O educador prevê um tempo diário para que as crianças possam desenvolver atividades de expressão plástica que querem realizar (estimulando-as a explicar o que vão produzir/criar)		X	
2.2 Quando uma criança não termina o trabalho no tempo previsto dá oportunidade para que o conclua posteriormente	X		
2.3 O educador planifica um momento de diálogo/revisão na rotina diária no qual as crianças possam expor os seus trabalhos individuais e/ou em grupo para o restante grupo e refletir sobre os processos de criação		X	
3. Interação			
3.1 O educador apoia o processo de trabalho individual de cada criança na área de Expressão plástica	X		
3.2 O educador estimula a utilização de diferentes técnicas em simultâneo	X		
3.3 O educador promove a experimentação/exploração de diferentes materiais	X		
3.4 O educador estimula a criança a refletir durante o processo criativo	X		
3.5 O educador estimula nas crianças o gosto pela produção das suas próprias obras plásticas	X		
3.6 O educador estimula a interação entre as crianças no processo criativo	X		
3.7 O educador dá feedback à criança sobre a sua criação/produção plástica	X		
3.8 O educador proporciona momentos de criatividade e demonstra sensibilidade pela diferença na criação artística	X		
3.9 Na sala expõe-se os trabalhos:			
3.10.1 Espontâneos das crianças	X		
3.10.2 Orientados pelo educador		X	
3.10.3 Projetos realizados pelas crianças	X		
4. Planificação / atividades e projetos			

4.1 O educador planifica semanalmente atividades na área de expressão plástica	X		
4.2 O educador desenvolve atividades na área de expressão plástica procurando:			
4.2.1 que a criança desenvolva um vocabulário relacionado com as artes		X	
4.2.2 que a criança desenvolva capacidades manipulativas e aprenda diferentes técnicas	X		
4.2.3 que a criança desenvolva capacidades perceptivas/de apreciação artística		X	
4.2.4 que a criança tenha oportunidade de observar:			
a) A natureza	X		
b) Obras artísticas (em museus e outras instituições culturais)		X	
c) Fotografias	X		
d) Reproduções artísticas (imagens, material didático, etc)		X	
4.3 O educador dá a conhecer à criança o património artístico e cultural:			
a) Regional		X	
b) Nacional	X		
c) Internacional		X	
d) Histórico		X	
e) Urbano/Contemporâneo		X	
4.4 O educador planifica atividades de criação plástica baseadas no trabalho de projeto	X		
4.5 O educador planifica momentos cuja criação/produção artística é livre	X		
4.6 O educador planifica momentos de apreciação artística de imagens/objetos culturais/populares de forma a estimular a reflexão/interpretação das crianças?		X	
4.7 O educador planifica momentos com as crianças recorrendo a diferentes técnicas (desenho, fotografia, pintura) para registar aprendizagens realizadas?	X		

Adaptado de Silva, B. (2011). Analisis de la expresion plastica en la Educacion Infantil: Propuestas de intervencion curricular. Tese de doutoramento. Jaén: Universidad de Jaén.

ANEXO III – REGISTOS DE OBSERVAÇÃO – INTERAÇÕES

Instrumento de observação Área de Expressão Plástica
Educação Pré-Éscolar – Contexto sala

Registo de Observação 1 – Interação Adulto / Criança

Data: 7.04.16	<ul style="list-style-type: none">• Durante a atividade da criança X
Hora: 10:45	<ul style="list-style-type: none">• Após a criança finalizar a atividade
	<ul style="list-style-type: none">• A criança mostra o trabalho X
Não comenta:	
Faz Comentários:	“Muito bem I., estás muito concentrada e gosto de te ver trabalhar assim, desenhaste muito bem o corpo humano e os pormenores do cabelo e das mãos, já desenhaste muito melhor do que desenhavas antes não achas?”

Instrumento de Avaliação/observação Área de Expressão Plástica
Educação Pré-Escolar – Contexto sala

Registo de Observação 2 – Interação Adulto / Criança

Data: 8.04.16	<ul style="list-style-type: none">• Durante a atividade da criança
Hora: 11:10	<ul style="list-style-type: none">• Após a criança finalizar a atividade X
	<ul style="list-style-type: none">• A criança mostra o trabalho
Não comenta:	
Faz Comentários:	A educadora por iniciativa própria dirige-se ao R.O e comenta o seu trabalho: ‘Pegaste muito bem no pincel e pintaste muito bem o porco”

Instrumento de Avaliação/observação Área de Expressão Plástica
Educação Pré-Escolar – Contexto Sala

Registo de Observação 3 – Interação Adulto / Criança

Data: 13.04.16	<ul style="list-style-type: none">• Durante a atividade da criança
Hora: 10:40	<ul style="list-style-type: none">• Após a criança finalizar a atividade
	<ul style="list-style-type: none">• A criança mostra o trabalho X
Não comenta:	
Faz Comentários:	“Ficou muito giro, gosto muito”

Instrumento de Avaliação/observação Área de Expressão Plástica
Educação Pré-Escolar – Contexto Sala

Registo de Observação 4 – Interação Adulto / Criança

Data: 27.04.16	<ul style="list-style-type: none">• Durante a atividade da criança X
Hora: 10:40	<ul style="list-style-type: none">• Após a criança finalizar a atividade
	<ul style="list-style-type: none">• A criança mostra o trabalho
Não comenta:	
Faz Comentários:	A educadora observa o D.M a desenhar com grande entusiasmo e concentração 'D. quando acabares queres mostrar-me o que estás a desenhar? Estou a gostar de ver...muito colorido!'

Instrumento de Avaliação/observação Área de Expressão Plástica
Educação Pré-Escolar – Contexto Sala

Registo de Observação 5 – Interação Adulto / Criança

Data: 29.04.16	<ul style="list-style-type: none">• Durante a atividade da criança
Hora: 11:20	<ul style="list-style-type: none">• Após a criança finalizar a atividade X
	<ul style="list-style-type: none">• A criança mostra o trabalho X
Não comenta:	
Faz Comentários:	O L.M dirige-se à educadora mostrando-lhe o desenho que fez da mãe: 'Luís este desenho é muito especial não é? Desenhaste a mamã! E desenhaste muito bem, gosto de te ver a trabalhar mais os teus desenhos'

Instrumento de Avaliação/observação Área de Expressão Plástica
Educação Pré-Escolar – Contexto Sala

Registo de Observação 6 – Interação Adulto / Criança

Data: 12.05.16	<ul style="list-style-type: none">• Durante a atividade da criança
Hora: 10:55	<ul style="list-style-type: none">• Após a criança finalizar a atividade X
	<ul style="list-style-type: none">• A criança mostra o trabalho
Não comenta:	
Faz Comentários:	“Gosto muito do teu registo da quinta S. e do que aprendemos sobre a horta...vejo que desenhaste muito bem tomates...cenouras...alface...os tomates vermelhos, as cenouras laranjas, a alface verde, ficou muito giro! Queres expor o teu trabalho na parede?”

Instrumento de Avaliação/observação Área de Expressão Plástica
Educação Pré-Escolar – Contexto Sala

Registo de Observação 7 – Interação Adulto / Criança

Data: 18.05.16	<ul style="list-style-type: none">• Durante a atividade da criança X
Hora: 10:55	<ul style="list-style-type: none">• Após a criança finalizar a atividade
	<ul style="list-style-type: none">• A criança mostra o trabalho
Não comenta:	
Faz Comentários:	“D. estás a pintar muito bem, mas podias tentar com outro material, desenhavas muitas vezes com as canetas, não queres experimentar os lápis de cera? Podes usar os dois no teu trabalho...”

Instrumento de Avaliação/observação Área de Expressão Plástica
Educação Pré-Escolar – Contexto Sala

Registo de Observação 8 – Interação Adulto / Criança

Data: 25.05.16	<ul style="list-style-type: none">• Durante a atividade da criança
Hora: 10:40	<ul style="list-style-type: none">• Após a criança finalizar a atividade X
	<ul style="list-style-type: none">• A criança mostra o trabalho X
Não comenta:	Reação: “Já acabaste?...põe ali no armário...depois colocamos na tua capa”.
Faz Comentários:	

Instrumento de Avaliação/observação Área de Expressão Plástica
Educação Pré-Escolar – Contexto Sala

Registo de Observação 9 – Interação Adulto / Criança

Data: 27.05.16	<ul style="list-style-type: none">• Durante a atividade da criança X
Hora: : 11:15	<ul style="list-style-type: none">• Após a criança finalizar a atividade
	<ul style="list-style-type: none">• A criança mostra o trabalho X
Não comenta:	
Faz Comentários:	<p>“olha que giro C., fizeste uma flor em plasticina?...Gosto muito!” “Estás a ver D. podemos fazer muita coisa com plasticina, queres que te ajude? – dirigindo-se ao D. que se encontrava no momento a atirar a plasticina para o chão.</p>

**ANEXO IV – QUESTIONÁRIO A EDUCADORAS DE INFÂNCIA
DE CRECHE**

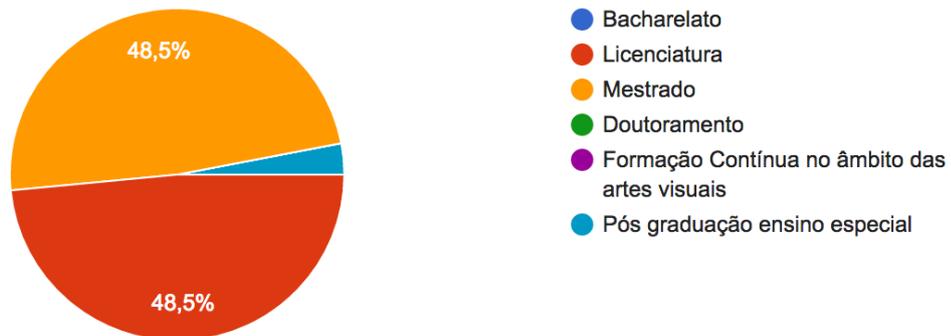
Questionário

Idade Inquiridos:

29	41	36	25	31	46	27
36	38	41	39	32	26	45
34	37	32	43	38	31	28
27	34	29	33	30	42	37
39	27	25	35	29		

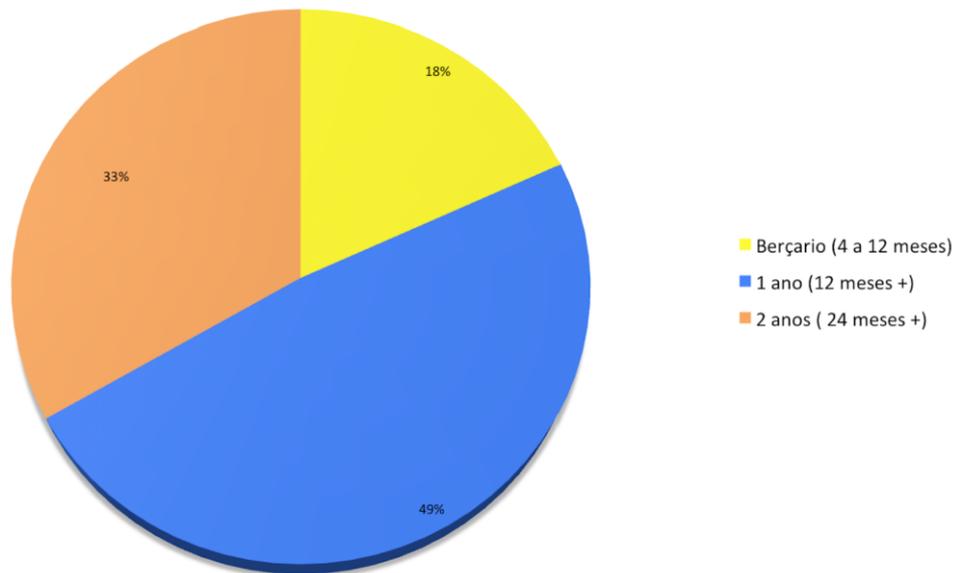
Média de idades : 34.

Habilitações Literárias



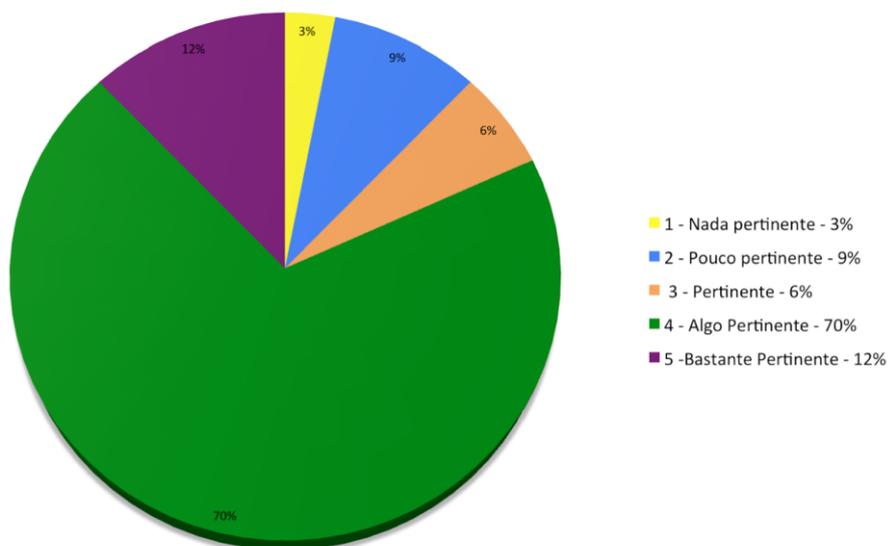
3. Qual a faixa etária da valência creche com que trabalha?

Faixa etária do grupo de Creche



4. Numa escala de 1 a 5 em que 1 equivale a ‘Nada Pertinente’ e 5 equivale a ‘Bastante Pertinente’, considera pertinente a realização de atividades plásticas em creche?

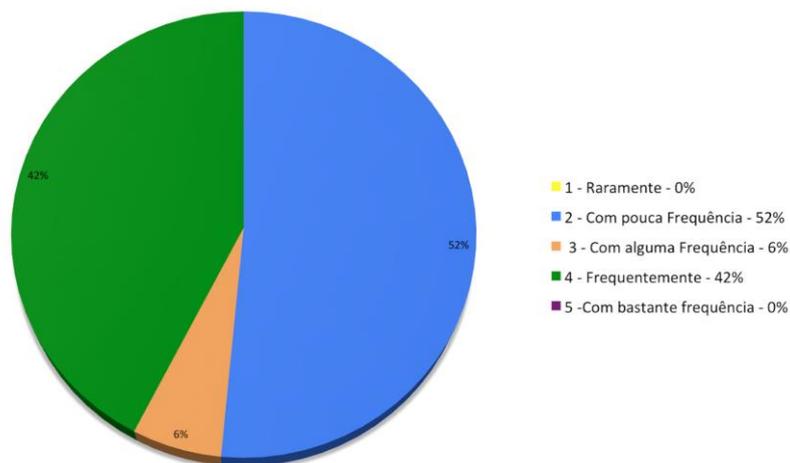
Pertinência da realização de atividades de caráter plástico na creche



5. Numa escala de 1 a 5 em que 1 equivale a “Raramente” e 5 “Com bastante frequência” com que frequência costuma realizar atividades plásticas em creche?

Figura 4 – Frequência das atividades plásticas

Frequência com que realiza atividades plásticas em creche



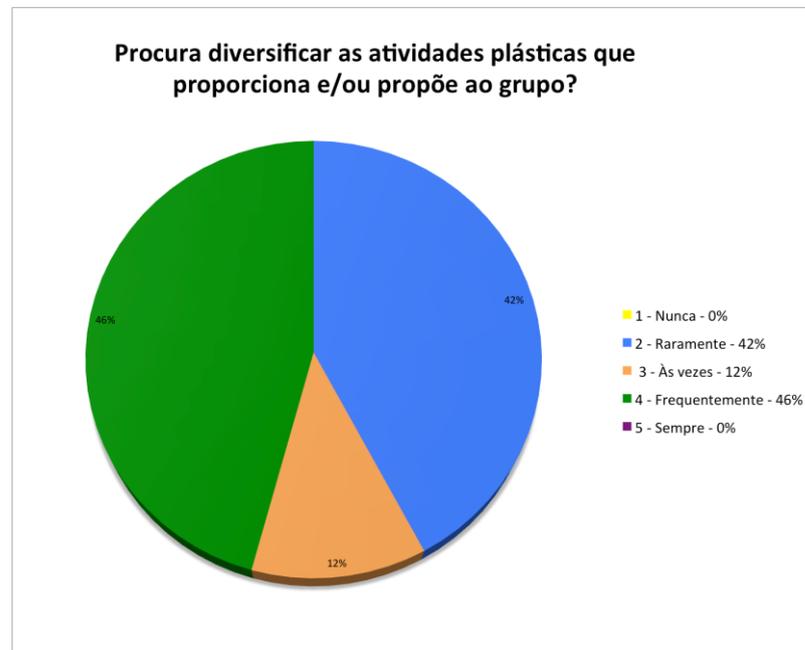
6. Que tipo de atividades plásticas são realizadas em contexto de creche? (múltipla escolha)

Que tipo de atividades plásticas são realizadas em contexto de creche? *

- Pintura (recorrendo à digitinta, esponja, materiais reciclados)
- Colagem
- Modelagem (pasta de farinha, etc)
- Criações tridimensionais
- Desenho
- Estampagem
- Outro...

Respostas:

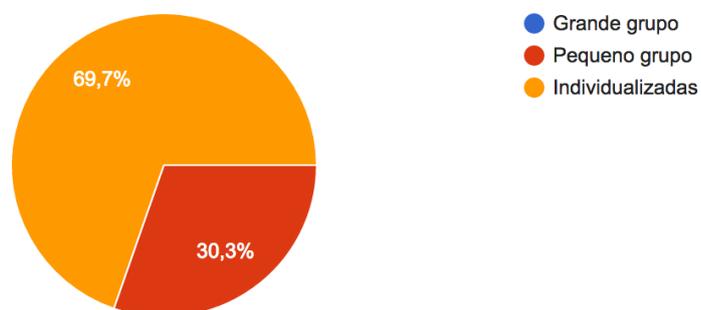
7. Numa escala de 1 a 5 em que um corresponde a “Nunca” e 5 a “Sempre” procura diversificar as atividades plásticas que proporciona e/ou propõe ao grupo?



8. As atividades são maioritariamente realizadas em grande grupo, pequeno grupo ou individualizadas?

As atividades são maioritariamente realizadas em grande grupo, pequeno grupo ou individualizadas?

33 respostas



9. Na sala existem catálogos/imagens (entre outros) a que recorre para estimular experiências artísticas e apoiar a criação plástica? Se sim de que tipo?

Inq.1 - Existem imagens e livros que as crianças podem ver. Dependendo da temática que se trabalha na sala no momento colocam-se mais catálogos e proporcionam-se diferentes momentos em que trabalhamos com as crianças essas imagens em histórias que lemos ou livros que lhes mostramos.

Inq. 2 - Sim, imagens na parede, fotos, desenhos, livros na zona da biblioteca

Inq. 3 - Existem imagens que vamos colocando na sala dependendo do que trabalhamos, uma área de exposição e livros para as crianças lerem e brincarem

Inq. 4 - Imagens, fotografias, pinturas expostas

Inq. 5 - Procuo recorrer a imagens, ilustrações, livros embora estes vão sendo substituidos a medida que a temática muda. Há sempre imagens expostas nas paredes.

Inq. 6 - Procuo sempre trazer revistas e livros ou imagens especialmente atrativas para a faixa etária

Inq. 7 - Não existem catálogos mas sim fotografias imagens que vamos colocando na parede...

Inq. 8 - Existem fotografias, elementos ou imagens de natureza e livros com ilustrações que chamam à atenção do grupo

Inq. 9 - Sim, imagens e fotografias expostas

Inq. 10 - Fotografias, trabalhos realizados pelas crianças e imagens variadas

Inq. 11 - Temos imagens que vamos colocando nas paredes e livros

Inq. 12 - Recorro a imagens ou livros e fotografias dependendo do que planifico fazer com o grupo

Inq. 13 – Não existem catálogos mas imagens expostas na parede, fotografias, etc.

Inq. 14 - Sim, procuro trazer revistas culturais, imagens de obras de arte, fotografias, livros de ilustração

Inq. 15 - Não existem catálogos

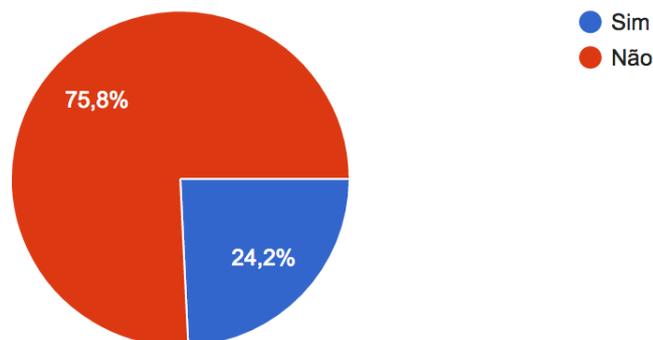
Inq. 16 -Fotografias e livros de interesse, revistas que trago e livros tambem

Inq. 17 - imagens ou fotografias expostas na parede e alguns livros de temáticas que podemos trabalhar

- Inq. 18** - Não utilizamos catálogos mas podemos as vezes recorrer ao livro
- Inq. 19** - procuro trazer livros e imagens que possam captar a sua imaginação e estimular a criatividade e nesse sentido vamos criando o nosso catálogo com o tempo
- Inq. 20** - não temos catálogos mas vamos colocando imagens expostas nas paredes ou desenhos
- Inq. 21** - Recorremos à fotografia ou imagens de livros e contos para os estimular
- Inq. 22** - Não temos catálogos mas procuro usar imagens, de revistas livros que levo para a sala que os possam interessar
- Inq. 23** - Não existem catálogos
- Inq. 24** - vamos expondo imagens, ou construindo livros com imagens para que explorem à vontade e promovendo o conhecimento do mundo
- Inq. 25** – Sim, já construímos os nossos livros, existem catalogos revistas livros, já expus obras artisticas e trabalhamos a imagem muitas vezes
- Inq. 26** – nao recorremos a catalogos porque no bercario as crianças ainda não tem muito contato com atividades artisticas nem a arte mais tarde sim
- Inq. 27** – Temos fotografias já compilei um livro de imagens de interesse e costume recorrer ao livro especialmente as ilustrações vibrantes e coloridas
- Inq.28** – Nao existem catalogos mas ha sempre contos e livros que leio e tento chamar a atençao das crianças pela imagem
- Inq. 29** – Não temos catálogos
- Inq. 30** – Mais imagens expostas na parede e os proprios trabalhos das crianças já trabalhei a fotografia mas não existem catálogos na sala
- Inq. 31** – Não existem
- Inq. 32** – o grupo ainda é muito jovem por isso não existem esse tipo de recursos mas o livro esta sempre presente mesmo que seja para o conto
- Inq. 33** – não temos catálogos mas vamos colocando iamgens ou fotografias na parede depende da tematica da sala e no meu caso as crianças ainda são muito novinhas.

10. Considera o espaço o espaço para atividades artísticas e de caráter plástico adequado ao seu grupo da Creche?

33 respostas



11. Se respondeu não à pergunta anterior, em que aspetos?

Inq. 1 - Porque a faixa etária varia no grupo de crianças o espaço podia ser mais adequado às mais velhinhas para ter acesso mais livre aos materiais mas porque existem crianças muito pequeninas não é possível faze-lo.

Inq. 2 - É adequada ao grupo

Inq. 3 - A área de de plástica poderia ter materiais mais adequados às crianças e não existem muitos materiais diferentes

Inq. 4 - Necessita de materiais mais adequados ía faixa etária, poucos materiais para experiências artísticas

Inq. 3 - Poderia ter mais materiais adequados à idade e à capacidade das crianças para mais atividades plásticas

Inq. 4 – É adequada.

Inq. 5 - O espaço não está muito bem definido e os materiais não são muito variados

Inq. 6 - adequa-se à idade

Inq. 7 - adequa-se mas podia ter mais materiais para atividades plásticas

Inq. 8 - Pouca diversidade de materiais o que impossibilita a diversidade de experiências ou atividades plásticas

Inq. 9 - O grupo de crianças é ainda muito novinho e os materiais ainda não estão adequados à fase de crescimento em que se encontram por isso o espaço está mais vazio e só o usam comigo e com a auxiliar

Inq. 10 – O espaço não é muito adequados às crianças desta idade, precisam de muita supervisão do adulto e nem sempre é possível adaptar a área à faixa etária

Inq. 11 - Falta de materiais e espaço adequados. As crianças são muito pequeninas e não conseguem ainda ser muito autónomas

Inq. 12 - O espaço é pequeno

Inq. 13 - Pouca diversidade de materiais e não adequados à faixa etária, porque a idade varia nesta sala e são muito pequeninos

Inq. 14 - A área é pequena e os materiais não são muito variados, a idade do grupo é mista e não se conseguem fazer as atividades com todos

Inq. 15 – Não é adequada mas as crianças ainda são muito novas, só se usa esse espaço quando é pensada uma atividade com o adulto

Inq. 16 - é adequada

Inq. 17 – Não é adequada porque o grupo é muito novo e não é possível explorar a parte plástica

Inq. 18. É adequada

Inq. 19 - adequa-se

Inq. 20 - Não se adequa por causa dos materiais, precisam de muita olhar do adulto mesmo na pintura, e não há muita variedade

Inq. 21 - não se adequa porque as crianças são muito muito jovens ainda e precisam do adulto para tudo

Inq. 22 - Não se adequa dada a faixa etária, as necessidades são outras e os materiais não estão adequados à idade

Inq. 23 - a área é adequada ao grupo

Inq. 25 - É adequada

Inq. 26 – Não mas também a idade destas crianças não permite ainda que se façam muitas atividades desse género

Inq. 27 – Falta de materiais variados e o espaço em si é muito pequeno as crianças ainda se interessam mais por outras áreas

Inq. 28 – Podia ser mais adequado, no espaço da sala e com outros materiais mais adaptados à idade

Inq. 29 – Podia ser mais adequado

Inq. 30 – Não se adequa por causa da faixa etária

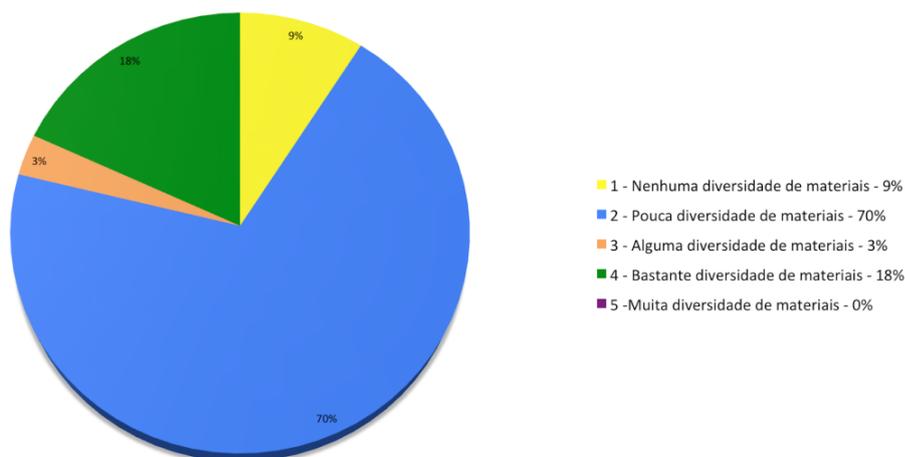
Inq. 31 – (sem resposta)

Inq. 32 – O espaço não existe destinado a atividades artísticas por isso não se adequa dada a faixa etária.

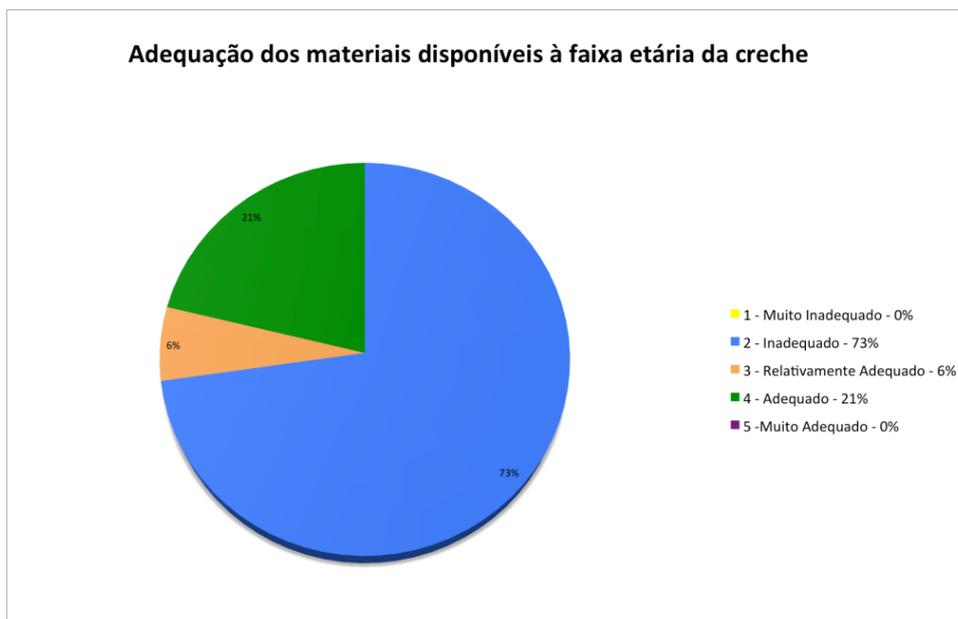
Inq. 33 – Podia ser mais definido, ter recursos mais adaptados à idade

12. Numa escala de 1 a 5 (em que 1 equivale a “Nenhuma diversidade de materiais e 5 equivale a “Muita diversidade de materiais”) avalie a diversidade de materiais disponíveis para a realização de atividades plásticas na creche/grupo com que trabalha

Diversidade de materiais disponíveis para a realização de atividades plásticas



13. Numa escala de 1 a 5 em que 1 equivale a “Muito Inadequado” e 5 a “Muito Adequado” Considera os materiais que tem disponíveis para a realização de atividades plásticas adequados à faixa etária da creche/grupo com que trabalha?



14. Costuma dar feedback à criança?

Sim – 67%

Não – 33%

15. De que modo apoia as criações artísticas/plásticas das crianças?

Inq. 1 - Incentivo-as a brincar e assim aprender a descobrir o mundo e experimentar materiais plásticos.

Inq. 2 - Procuo apoia-las quando experimentam os materiais, mostrando-lhes como podem brincar com eles e descobrir depois sozinhos, a pintura com as mãos é uma forma de incentivar as atividades plásticas

Inq. 3 - Procurando mostrar como se pode brincar com os materiais, incentivar as crianças a experimentar, apoiando sempre ao seu lado para serem criativas. Nesta faixa etária as crianças precisam muito do apoio do adulto.

Inq. 4 - Ajudando-as, especialmente a realizar as pinturas porque ainda não conseguem sozinhas

Inq. 5 - Procuo sempre elogiar, estimular a experiência para que eles possam experimentar os materiais, as suas texturas, etc.

Inq. 6 - Com a minha ajuda, vou incentivando-as a brincar e a pintar, elogio e procuro colmatar algum receio ou medo que tenham com os materiais.

Inq. 7 - Apoio-as ao realizar, por exemplo as pinturas, e elogio o esforço e como ficou

Inq. 8 - Reforço positivo, estímulo, procuro dar-lhes tempo para experimentar os materiais e ajudo-as a realizar as atividades

Inq. 9 - Ajudo-as, incentivo através do elogiar, apoiar a fazer, etc

Inq. 10 - Dou feedback, apoio a realizar as atividades, estímulo a fazer.

Inq. 11 - No começo do ano as preocupações são diferentes e as crianças precisam do apoio das auxiliares e meu. Sim mais para o meio do ano começaram a fazer atividades mais plásticas e apoio-as ajudando-as a fazer e a incentivá-las

Inq. 12 - Ajudando-as a fazer a experimentar os materiais com as mãos e fazendo com elas

Inq. 13 - Ajudando a fazer as atividades, especialmente as pinturas com as mãos, trabalhos para os pais, etc

Inq. 14 - Apoio estimulando a experimentação, a exploração dos materiais, apoiando-os e estando sempre presente nas atividades

Inq. 15 - Tento estimular a exploração e apoio-os enquanto os exploram

Inq. 16 - apoio fazendo com eles

Inq. 17 - Tento apoiar motivando-os a explorar e a brincar

Inq. 18 - Apoio dando um reforço positivo sempre que querem experimentar, mostrando-lhes como trabalhar os materiais

Inq. 19 - Tento sempre estar ao seu lado e falando com eles embora não se realizem muitas atividades plásticas

Inq. 20 - dando-lhes possibilidade de experimentar o maior numero de materiais possiveis, atrav_s do lldico, da brincadeira e sempre que tentam fazer algo elogio o que fazem e tento estimular mais

Inq. 21 – Elogios e dialogando sempre com elas a estimular a curiosidade natural delas.

Inq. 22 - Ajudando no que precisam, mostrando-lhes os materiais e brincando com elas

Inq. 23 - Falando, brincando mostrando como explorar os materiais, estimulo a curiosidade

Inq. 24 - Não se realizam muitas atividades artísticas com esta faixa etária mas tento sempre apoiar e falando com elas

Inq. 25 - Apoio com reforço positivo, com feedback, com a minha presença sempre ajudando no que posso e estimulando a criação.

Inq. 26 – apoio estando ao lado delas a fazer com elas a tentar mostrar que não tem que ter medo nem precisam porque estou la com eles e exploramos os materiais em conjunto

Inq. 27 – pelo elogio, pelo apoio quando precisam de ajuda também a brincar com elas experimentando os materiais as cores etc

Inq. 28 – não se realizam muitas atividades plasticas e por isso quando acontece as crianças ainda estranham muito por isso tento sempre incentivar

Inq. 29 – As crianças são muito novinhas e por isso as atividades não são muito realizadas

Inq. 30 – apoio a criação criando com eles, tentando que brinquem com as tintas por ex. Experimentando e brincando

Inq. 31 – não se realizam muitas atividades plásticas com este grupo mas quando acontecem é sempre através do mostrar como podem experimentar os materiais e pelo estimulo

Inq. 32 – não se realizaram ainda muitas atividades mas tento sempre incentivá-las para a descoberta

Inq. 33 – o elogiar o estimulo positivo, brincando com eles e encorajando-os.

16. Numa escala de 1 a 5 concorda que haja aspetos a serem melhorados no espaço de sala para atividades de expressão e criação plástica?

